



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

**Os diferentes tipos de vínculo ao lugar como fatores
preditivos de atitudes intergrupais em relação aos imigrantes:
um estudo exploratório na cidade de Évora**

Queila Andrade Haine Campos

Orientador(es) | Maria de Fátima Bernardo

Évora 2023



Universidade de Évora - Escola de Ciências Sociais

Mestrado em Psicologia

Área de especialização | Psicologia Clínica

Dissertação

**Os diferentes tipos de vínculo ao lugar como fatores
preditivos de atitudes intergrupais em relação aos imigrantes:
um estudo exploratório na cidade de Évora**

Queila Andrade Haine Campos

Orientador(es) | Maria de Fátima Bernardo

Évora 2023



A dissertação foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Ciências Sociais:

Presidente | Nuno Rebelo dos Santos (Universidade de Évora)

Vogais | Maria de Fátima Bernardo (Universidade de Évora) (Orientador)
Sílvia Luís (Instituto Superior Técnico) (Arguente)

Agradecimentos

“UBUNTU, eu sou porque nós somos”

Há um provérbio africano que diz: *“é preciso uma aldeia para educar uma criança”*. Então, meu caro leitor, vos peço paciência para com a minha lista interminável de agradecimentos. Primeiramente, agradeço à minha família que possibilitou minha vinda às terras portuguesas, à painho que sempre foi um grande sonhador e me ensinava em lições diárias que os sonhos dão brio a nossa alma, à mainha que sempre nos ensinou o valor da educação e por certo nunca me desviei dele, à minha irmã que também sempre me apoiou nas minhas escolhas mais loucas. À minha avó Jair que sempre foi sinônimo de coragem e irreverência e como todos dizem que pareço com ela, percebo como foi preciso resgatar essa força ao longo desta aventura.

Ao meu melhor amigo e grande amor transatlântico, Yanderson, obrigada pela paciência e companheirismo de sempre. Às minhas grandes e memoráveis amigas que também estão do outro lado do oceano, Emily, Aninha, Ana Licia, Layta, Gabi, Lisandra e aos amigos, Bruno, Pablo, Netão pela torcida.

Aos meus antigos colegas da graduação em Psicologia, na Univasf, que levarei sempre para vida, Pricila, Alê, Lanny, Raquel, George, Telma, Mari, Layla e Samara pelo incentivo e por acreditarem que eu conseguiria.

A minha orientadora Fátima que sempre com muita paciência, compromisso e entusiasmo me auxiliou no desenvolvimento dessa pesquisa.

Dedico essa dissertação também aos amigos que fiz durante minha jornada lusitana, a Joana, minha companheira portuguesa no meu primeiro trabalho de limpeza num grande supermercado, que sempre reafirmava em dias difíceis a conquista de estar

cursando um ensino superior. Aos meus inesquecíveis amigos operários fabris e também trabalhadores-estudantes, Carlos (angolano) e Will (guinense), que enchiam meu turno de alegria e davam sentido ao cansaço extremo de trabalhar 12h noturnas. Jamais esquecerei que me despedia de vocês dizendo “a gente vai vencer”. À minha parceira brasileira de restauração, Ana Paula, que acolhia minhas angústias com compreensão e sabedoria. Ao Gabriel que apareceu já no fim da jornada e tem me acompanhado com muito afeto.

A minha grande amiga que Évora me presenteou, Luana, sem ela não conseguiria suportar a dureza dos dias. À minha amiga Flávia que já retornou ao Brasil e encheu meus dias de saudades. Também a Vinícius e Gabi que foram meu alento no meu primeiro ano de mestrado e que já não fazem mais parte da minha vida, mas me ensinaram a seguir em frente apesar das ausências.

Aos meus atuais colegas de trabalho no C.A.S.A. (Centro de Apoio Social dos Anjos) que me acobertaram em vários momentos em que precisava escrever a dissertação e me diziam solidariamente “Queila, vai estudar”.

Aos presentes e ausentes digo que venci, mas não sozinha, porque eu sempre fui muitos.

Pelo direito à imigração e à educação pública.

(Em memória de Maria Helena que levou sua alegria para outros mundos quando estava a finalizar a dissertação)

Os diferentes tipos de vínculo ao lugar como fatores preditivos de atitudes intergrupais em relação aos imigrantes: um estudo exploratório na cidade de Évora

Resumo

O aumento dos movimentos migratórios no atual contexto político e social europeu tem exacerbado tensões e desafios relacionados à identidade dos residentes e às interações com os novos moradores. Esta pesquisa baseia-se no modelo de três tipos de vínculos ao lugar desenvolvido por Lewicka (2011), que assume que as pessoas podem ter um vínculo tradicional e ativo ou relatividade em relação a um lugar específico. Esse estudo foi realizado na cidade de Évora, Portugal com o objetivo de verificar se os tipos de vínculo ao lugar estariam associados a maior ou menor aceitação de grupos de outras culturas. Além disso, com base nos motivos identitários desenvolvidos por Easterbrook e Vignoles (2012), buscamos compreender como os diferentes motivos que caracterizam a identidade do lugar mediam se relacionam com o tipo de vínculo ao lugar.

Neste estudo disponibilizamos um questionário online que foi respondido por 201 eborenses e inclui as escalas: identidade ao lugar, vínculo ao lugar, atitudes intergrupais e questões sociodemográficas. Os resultados mostraram que os residentes tradicionalmente vinculados eram menos abertos aos grupos externos, enquanto os residentes ativamente vinculados demonstraram maior aceitação à chegada de outros grupos. Os residentes que apresentaram a relatividade de lugar também demonstraram baixa aceitação aos grupos externos. Também testamos a influência dos motivos da identidade nos diferentes tipos de vínculo ao lugar, os resultados mostraram que a distintividade, a continuidade e a autoeficácia contribuíram para a explicação do vínculo tradicional enquanto para o vínculo ativo, apenas a continuidade e a autoeficácia. Essas descobertas indicam que o tipo de vinculação com o local de residência pode nos ajudar a compreender as interações entre os grupos.

Palavras-chaves: Vínculo ao lugar; Identidade de lugar; Identidade Social; Psicologia Ambiental; Atitudes intergrupais.

The different types of place attachment as predictive factors of intergroup attitudes towards immigrants: an exploratory study in the city of Évora

Abstract

The increase in migratory movements in the current European political and social context has exacerbated tensions and challenges related to the identity of residents and interactions with new residents. This research is based on the model of three types of place attachments developed by Lewicka (2011), which assumes that people can have a traditional and active attachment or relativity in relation to a specific place. This study was carried out in the city of Évora, Portugal, with the objective of verifying whether the types of place attachment would be associated with greater or lesser acceptance of groups from other cultures. In addition, based on the identity motives developed by Easterbrook and Vignoles (2012), we seek to understand how the different motives that characterize the identity of the mediate place are related to the type of bond to the place.

In this study, we made available an online questionnaire that was answered by 201 people from Évora and includes the scales: identity to the place, place attachment, intergroup attitudes and sociodemographic questions. The results showed that traditional attachment residents were less open to outside groups, while active attachment residents demonstrated greater acceptance of the arrival of other groups. Residents who showed place relativity also showed low acceptance of outgroups. We also tested the influence of identity motives on different types of place attachment, the results showed that distinctiveness, continuity and self-efficacy contributed to explaining the traditional attachment while for the active attachment, only continuity and self-efficacy. These findings indicate that the type of place attachment of residence can help us understand interactions between groups.

Keywords: Place attachment; Place identity; Social Identity; Environmental Psychology; Intergroup attitudes.

Índice

1. Introdução.....	9
2. Enquadramento Teórico.....	10
2.1 Raízes filosóficas da pesquisa sobre lugares.....	12
2.2 Vínculo aos lugares.....	14
2.3 Teorias psicológicas referentes a relação identidade e lugar.....	17
2.3.1 Teoria da Identidade de Lugar.....	17
2.3.2 Teoria do Processo de Identidade (TPI).....	21
2.3.3 Teoria da Identidade Social (TSI).....	24
3. Identidade de lugar, vínculo ao lugar e os diferentes impactos nas atitudes intergrupais.....	26
4. Objetivos do estudo.....	29
4.1 Hipóteses.....	29
4.2 Estudo de Caso.....	30
5. Método.....	31
5.1 Participantes.....	32
5.2 Procedimentos e Instrumentos.....	33
5.3 Recolha de dados.....	34
5.4 Análise das características psicométricas dos instrumentos.....	35
6. Resultados.....	36
7. Discussão.....	46
8. Conclusão.....	54
9. Referências Bibliográficas.....	56
Anexos.....	70

Índice de Tabelas

Tabela 1. Distribuições das médias e frequências das características demográficas dos participantes.

Tabela 2. Análise Fatorial dos itens da escala de vínculo ao lugar

Tabela 3. Médias e desvios padrões das variáveis

Tabela 4. Regressão em relação vínculo tradicional

Tabela 5. Regressão em relação vínculo ativo

Tabela 6. Regressão em relação a relatividade de lugar

Tabela 7. Correlações e significâncias dos tipos de vínculos e as respostas à questão “Em medida considera que pessoas dessas nacionalidades se encaixam em Évora?”

Tabela 8. Correlações e significâncias dos tipos de vínculos e as respostas à questão “Em que medida gostaria de ter um vizinho dessas nacionalidades?”

Tabela 9. Correlações entre os tipos de vínculos e as variáveis sociodemográficas

Tabela 10. Médias e desvios padrões das variáveis em função do sexo.

Índice de Imagens

Figura 1. Enquadramento geográfico do concelho de Évora

Índice de Anexos

Anexo A. Termo de Consentimento Informado

Anexo B. Questionário

1. Introdução

Sabemos que a imigração é um fenômeno complexo e multifacetado. Com a chegada de um grande número de imigrantes a Portugal e a outros países europeus vários desafios emergiram relacionados à integração social, cultural e econômica dos novos moradores. É importante ressaltar que a identidade cultural de uma comunidade não é estática e imutável (Smeeke & Verkuyten, 2014). Muitas sociedades, dentre elas a portuguesa, têm sido historicamente moldadas pela influência de diferentes grupos étnicos e migrantes ao longo dos séculos (Oliveira Marques, 2018).

A literatura aponta que a identificação com um grupo, a identidade de lugar e identidade nacional são preditores das atitudes intergrupais (Jasinskaja-Lahti et al., 2009; Bernardo & Palma-Oliveira, 2012; Brylka & Jasinskaja-Lahti, 2015; Bernardo & Palma-Oliveira, 2016). No entanto, essas explicações não parecem suficientes, sendo assim, nosso estudo busca preencher essa lacuna ao demonstrar assim como a Wnuk & Oleksy (2021) que o vínculo com o local de residência também prediz as atitudes em relação a outros grupos. Mais especificamente, objetivamos compreender como os tipos de vínculos ao lugar (ativo, tradicional e relatividade de lugar) desenvolvidos por Lewicka (2011) influenciam as atitudes que as pessoas têm em relação a outras culturas. Ademais, também testamos como os motivos que definem a identidade de lugar delineados por Easterbrook e Vignoles (2012) influenciam a relação entre o tipo de vínculo estabelecido com o local e essas atitudes entre grupos.

Portanto, a pesquisa que será apresentada neste texto, centrou-se na comunidade eborense e situa-se no âmbito de uma articulação entre os constructos: identidade de lugar, identidade social, motivos da identidade e vínculo ao lugar no contexto das relações intergrupais. Diante do exposto, a proposta deste estudo é contribuir para uma compreensão mais abrangente das relações pessoa-lugar, das dinâmicas sociais e

interações que ocorrem em uma sociedade cada vez mais diversa. Isso inclui identificar os fatores que facilitam ou dificultam a integração e troca de experiências entre os nativos e os recém-chegados.

2. Enquadramento Teórico

2.1 Raízes filosóficas da pesquisa sobre lugares

No exercício de tentar entender o ser humano, há boas razões para supor que precisamos nos direcionar para a relação homem-mundo-lugar. Nesse contexto, o filósofo Martin Heidegger enquadrou o espaço numa analítica existencial, propondo uma vinculação ontológica às noções de lugar que ocorrem “no espaço” e “no tempo” (Da Silva, 2007). Para o filósofo alemão, o homem está situado no espaço numa relação diferente dos objetos, isto é, numa relação de co-pertença (Heidegger, 1996/2002).

Considerando o impacto que o pensamento de Heidegger teve no século XX associado a ascensão do movimento denominado “geografia humanista”, houve o aumento do interesse da academia pela investigação da relação humano-ambiente, abrangendo autores das áreas da psicologia, sociologia, antropologia e arquitetura (Malpas, 2009). No âmbito da Psicologia, alguns conceitos surgiram para a compreensão da relação do homem com os lugares, em particular os conceitos de identidade de lugar (Proshansky et al., 1989) e vínculo ao lugar (Low & Altman, 1992; Lewicka, 2010)

Dentre os geógrafos humanistas que exploraram as complexidades das diferentes definições de espaço e lugar embasados no existencialismo e na fenomenologia, pode-se destacar duas figuras-chaves. Relph, cuja obra *Place and Placelessness* publicada em 1976 foi o trabalho em geografia humanística mais significativo por explorar o sentido

de lugar, sensação de pertença e identificação de uma pessoa ou grupo com o lugar. Assim como o seu contemporâneo Tuan, que trouxe a experiência existencial enquanto geradora de significado e agente transformador do espaço em lugar. Tuan popularizou a expressão *Topofilia* em sua obra de mesmo título publicada em 1974, que se refere ao vínculo emocional e amor pelo lugar.

As pesquisas sobre vínculos, identidade e significado dos lugares cresceram, por um lado com base nas teorias fenomenológicas representadas pelos arquitetos e geógrafos humanistas (Norberg-Schulz, 1980; Relph, 1976; Seamon, 1980; Tuan, 1974), por outro lado, desenvolvidas de forma independente por meio de abordagens quantitativas, como as preferidas por pesquisadores com formação em psicologia comunitária e ambiental (Lewicka, 2011b).

Dessa forma, sabe-se que ambas as metodologias vêm contribuindo com o desenvolvimento dos estudos e pesquisas em torno desse tema, contudo, muitas teorias sobre as relações com os lugares ainda apontam inconsistências metodológicas, carecendo de análises sistemáticas dessas relações, processo que vem dificultando a consolidação de uma teoria geral do lugar (Patterson & Williams, 2005). Neste estudo utilizaremos os construtos de vínculo ao lugar e identidade de lugar, os quais serão aprofundados a seguir.

2.2 O vínculo aos lugares

Pessoas ou grupos relacionam significados simbólicos ao seu ambiente (emoções, cognições, crenças, comportamentos e ações), tornando-se emocional e culturalmente vinculados a eles (Low & Altman, 1992). Os estudos que discutem as relações homem-ambiente do ponto de vista emocional referem-se a esse sentimento complexo que abarca

informações físicas, sociais e psicológicas relacionadas ao lugar como vinculação ou vínculo ao lugar (Elali, 2009).

Em se tratando de vínculo com os lugares tende a ser essencial a correlação com a Teoria da Vinculação desenvolvida por John Bowlby (1969,1973) a partir da observação de crianças em situação de internamento hospitalar e dos efeitos que os afastamentos dos pais produziam nelas. Segundo Bowlby, a criança procura estabelecer uma relação com a pessoa com quem mais interage para obter segurança e proteção. Como resultado, o autor acredita que crianças mais confiantes estão mais aptas para explorar o mundo e formar interações sociais. Altman & Low em 1992 ampliaram esses estudos para além da relação mãe-criança, chamando de apego ou vínculo ao lugar, a relação emocional que as pessoas de todas as idades têm com os locais que são significativos para elas.

A primeira referência na literatura científica que mostrou evidências sobre fortes ligações das pessoas com suas moradias, foi o estudo desenvolvido por Fried (1963) “West End” em Boston, sobre o deslocamento forçado de pessoas dos lugares em que elas residiam. Fried concluiu que as pessoas que deixaram aquela área tiveram reações semelhantes à perda de um amigo próximo ou membro da família e atribuiu esse sentimento ao senso de continuidade dos moradores sendo quebrado pela fragmentação de suas identidades devido ao rompimento com a comunidade e com o espaço. Uma contribuição muito significativa de Fried foi colocar em dúvida a ideia de vínculo emocional com o lugar como universal e necessária para uma interação "genuína" com o meio ambiente, conforme postulado pelos geógrafos humanistas. Fried demonstrou que essas ligações também podem ser disfuncionais, dificultando o ajuste a novas situações (Giuliani, 2003).

No que se refere à pesquisa sobre vinculação com os lugares, observa-se que é um

campo de estudo que tem recebido atenção crescente nos últimos anos por parte dos psicólogos ambientais, entretanto não houve muita consonância quanto à nomenclatura, definição e abordagem metodológica mais adequada para sua investigação (Hernández et al., 2020). Diante desse conceito de grande amplitude pode-se encontrar uma grande variedade de indicadores (Felippe & Kuhnen, 2012) e termos utilizados para fazer referência ao vínculo com o lugar, como por exemplo: topofilia, identidade espacial, identificação com o lugar, sentido de lugar (Speller, 2005).

Tendo em conta que o vínculo com os lugares foi investigado e definido de maneiras diversas, assim, vamos elencar três principais modelos teóricos. O primeiro modelo bidimensional foi apresentado por Williams & Roggenbuck (1989) ao observarem que nas conceituações primárias de vínculo ao lugar, duas visões: identidade de lugar e dependência de lugar dominavam a literatura da psicologia ambiental. No conceito de dependência ao lugar, a vinculação está baseada na funcionalidade ou quão bem aquele local pode atender às necessidades do indivíduo. Enquanto, no conceito da identidade de lugar, o ambiente passa a ser visto como parte da pessoa, ao atuar na manutenção da identidade, o qual resulta em vínculo emocional (Williams et al., 1992).

Giuliani (2003, 2004) traz como um segundo paradigma, o vínculo ao lugar como um fenômeno tridimensional que envolve os componentes: funcional, simbólico e temporal. O aspecto funcional da vinculação advém da satisfação das necessidades da pessoa pelo ambiente, uma definição muito próxima ao conceito de “dependência de lugar” proposta por Williams & Roggenbuck (1989). A segunda dimensão refere-se ao conteúdo simbólico que emerge das relações humano-ambientais que possibilitam um repertório de emoções e sentidos que contribuem para essa vinculação. A terceira dimensão, sendo a temporal, surge do processo de familiaridade com o lugar e que pode implicar em sofrimento diante de uma ruptura.

Outra possibilidade de organização dos conceitos e teorias referente ao vínculo com o lugar foi apresentada por Scannell e Gifford (2010) através de uma organização tripartida: “pessoa, processo psicológico e lugar”. A primeira dimensão corresponde ao sujeito que se liga ao ambiente, ou seja, vinculação baseada nos significados individuais e coletivos. A segunda dimensão refere-se aos processos psicológicos, pois os vínculos com os lugares incluem elementos cognitivos, como por exemplo: a memória; elementos afetivos e comportamentais; e a terceira dimensão é o próprio lugar, isto é, quais as características físicas e sociais que possibilitam estabelecer vínculos.

Hummon (1992) delineou cinco maneiras diferentes pelas quais os indivíduos se podem relacionar com os lugares em que vivem. Nesta tipologia estão incluídos dois tipos de enraizamento (quotidiano e ideológico) no qual as pessoas possuem uma forte identidade local e estão profundamente ligadas ao local de residência. O autor caracteriza como vínculo cotidiano, aquelas pessoas que não conhecem outros lugares e tem o seu como o certo; e vínculo ideológico quando as pessoas moram num lugar e se interessam por ele através de uma decisão autoconsciente. Hummon considerou ainda as pessoas desvinculadas por meio de três tipos de sentimentos em relação aos lugares (alienação, relatividade ao lugar e sem-lugar). A alienação é caracterizada pelo estranhamento e aversão ao lugar, a relatividade por atitudes ambivalentes e os sem-lugar pela indiferença.

No decorrer dos últimos anos, com o aumento das publicações científicas sobre essa temática, novas conceituações, teorias e instrumentos de medidas referentes às relações pessoa-lugar foram criadas (Alves, 2018). Na literatura mais recente, Lewicka (2011a) desenvolveu uma tipologia sobre o vínculo ao lugar, baseada na tipologia de Hummon (1992), na qual ela identificou três formas diferentes das pessoas se relacionarem com os lugares, sendo ativa, tradicional e de relatividade ao lugar.

Segundo Lewicka (2013b), o vínculo tradicional ao local geralmente se refere a

uma conexão emocional mais estável e de longo prazo que os indivíduos desenvolvem com lugares familiares. Está associado a um sentimento de pertença, enraizamento e identidade ligada a um local específico. Esse tipo de vínculo pode ser influenciado por fatores como história pessoal, herança cultural e laços comunitários que pode se desenvolver ao longo do tempo, à medida que os indivíduos acumulam memórias e experiências em um determinado lugar. Enquanto no vínculo ativo ao local, como o nome sugere, enfatiza a natureza ativa e dinâmica do relacionamento que os indivíduos têm com os lugares. Ele se concentra nas interações, atividades e envolvimento contínuos que os indivíduos têm em seu ambiente. Esse tipo de vínculo reconhece que as pessoas podem ativamente moldar e ser moldadas pelos lugares que habitam, ademais, nessa vinculação destaca-se a importância dos papéis dos indivíduos como co-criadores de seus ambientes e sua capacidade de influenciar e se adaptar a seus arredores. Já as pessoas que apresentam “vínculo relativo” ao lugar ressaltam que o mais importante é o modo de viver do que o local onde moram, pode ser entendida como uma perspectiva que minimiza a importância do ambiente físico ou local na formação das experiências e bem-estar dos indivíduos. Sugere que o local ou contexto específico em que a pessoa reside tem influência mínima na qualidade de vida ou nas oportunidades de crescimento pessoal.

Parte significativa da literatura considera que o vínculo ao local exerce uma influência positiva sobre o bem-estar individual como também coletivo. Nesse sentido, Lewicka (2011a) constatou que pessoas vinculadas ao local, quando comparadas a pessoas não vinculadas, demonstraram maior satisfação com a vida em aspectos gerais; apresentaram maior capital social de vínculos com a comunidade e maior entusiasmo em conhecer sua história familiar.

De maneira semelhante, mas com ênfase em aspectos coletivos, Vidal et al. (2013) realizaram uma investigação sobre envolvimento político na comunidade e os resultados

mostraram que a participação cívica estava relacionada com os vínculos sociais e espaciais. Nessa direção, Cruz e García-Bengochea (2020) observaram que as pessoas mais envolvidas nas iniciativas de governança local possuem fortes vínculos com o lugar. Todavia, ainda é incerto se o vínculo ao lugar causa esses benefícios, uma vez que, esses estudos exploram associações entre o vínculo ao lugar e outras variáveis correlacionadas, ou seja, essa correlação pode ser o resultado de uma associação com outra variável não identificada (Lewicka, 2011b).

O vínculo ao lugar também pode estar relacionado com a disposição de um indivíduo proteger o local de mudanças indesejadas e também da ausência de vontade de se mover de lugares de risco, como por exemplo, perigos socioambientais. Montoro & Weinert (2020) verificaram que mesmo com a percepção das dificuldades de se viver nesse ambiente, junto a precariedade das estradas e o risco de enchentes frequentes na região, os sujeitos mantinham o desejo de permanecer no local e mantinham na grande maioria, um forte vínculo e identidade ao lugar.

Cabe ainda destacar a relevância da diferenciação entre dimensões de vínculo e preditores de vínculo delineada por Lewicka (2011b). Segundo a autora, as dimensões do vínculo ao lugar dizem respeito ao tipo de vinculação e servem como indicadores de comportamentos importantes como os pró-ambientais, enquanto os preditores são fatores estudados independentemente que auxiliam na identificação de potenciais mecanismos de vinculação, sendo eles: os preditores sociodemográficos - tempo de residência; idade; status social; tamanho da comunidade; nível de escolaridade. Preditores sociais - laços comunitários; envolvimento em atividades sociais com a vizinhança. Preditores físicos - características naturais; urbanas; arquitetônicas (Lewicka, 2011b).

2.3 Teorias psicológicas referentes a relação identidade e lugar

As interações de um indivíduo com seu ambiente físico e social fornecem a base da identificação com o lugar (Mourão & Cavalcante, 2011). Dessa forma, um conjunto de cognições, relações emocionais e laços de pertencimento associados a contextos relevantes para o indivíduo estão relacionados à construção da identidade de lugar. Nesse âmbito, a Psicologia Ambiental compreende algumas possibilidades de interpretação da identidade atrelada a um espaço físico e social (Mourão & Cavalcante, 2006).

Sendo três as principais teorias psicológicas referentes a relação identidade e lugar, com origem semelhantes nas bases das teorias sobre *o self* de William James (1980) e Margareth Mead (1934), são elas a Teoria de Identidade ao Lugar, a Teoria do Processo de Identidade e a Teoria da Identidade Social.

2.3.1. A Teoria de Identidade de Lugar

Nos estudos da área destacam-se historicamente Proshansky et al. (2014), no qual, a definição de “identidade de lugar” é apresentada como uma subestrutura da auto-identidade do indivíduo, formada por cognições concebidas pela experiência cotidiana com os ambientes físicos, como por exemplo: as memórias, os pensamentos, os valores, os sentimentos, as atitudes e os significados. Nessa perspectiva, a identidade de lugar pode ser compreendida como uma construção pessoal, modificada e transformada por esses processos cognitivos a partir das experiências com o seu entorno (Ponte et al., 2009).

Fried (1963), Relph (1976), Tuan (1974) e Bulttimer (1980), assim como outros geógrafos humanistas, já tinham sugerido a expressão “*identidade de lugar*”. Segundo esses autores, quando uma pessoa se conecta com um lugar ela ganha um sentimento de

pertença e um propósito que dá sentido à sua vida. Proshansky et al. (2014) enfatizaram essas contribuições, mas teceram uma crítica em especial a Fried (1963) por delimitar a identidade do lugar somente ao contexto de moradia e não abarcar outros contextos físicos.

Proshansky et al. (2014) apresentaram um modelo de cinco funções para descrever as particularidades da identificação com o lugar, *recognition*, *meaning*, *expressive-requirement*, *mediating change*, *anxiety/defense* (p. 68). Dessa forma, essas funções podem ser compreendidas de acordo com Twigger-Ross et al. (2003), sendo as funções de *recognition e meaning* permitem que uma pessoa reconheça e compreenda o mundo físico por meio de uma comparação com seu “passado ambiental”. As funções de *expressive-requirement e mediating change* servem como base para determinar o valor, a natureza e o significado de um ambiente físico. Já a função de *anxiety/defense* refere-se a todas as cognições que contém informações sobre perigo, ameaças ao bem-estar físico e aversão a certos ambientes.

De acordo com Zacarias & Higuchi (2021) apesar da inovação teórica de Proshansky et al. (2014) o trabalho apresentou uma definição conceitual ampla e falta de evidências empíricas. Ainda conforme Zacarias & Higuchi (2021), verificou-se uma divergência com relação aos teóricos Twigger-Ross & Uzzell (1996) no aspeto da identidade de lugar como uma subestrutura da identidade pessoal. Na concepção desses autores, a função emocional dos lugares e os seus significados são mais importantes (Zacarias & Higuchi, 2021). Esse distanciamento do conceito de identidade de lugar enfatiza o debate de que, em termos de identidade, predominaria o componente social e que parte da identidade pode ser definida pela pertença a um grupo. Um dos princípios básicos postulados pela Teoria da Identidade Social proposta por Tajfel (1981).

Outras propostas derivaram do trabalho de Proshansky et al., (2014) dentre esses

estudos, pode-se citar o trabalho de Feldman (1990) que cunhou o termo *settlement-identity*, seu estudo mostra um movimento na direção das análises sociais e culturais, o qual prediz que padrões de ideias conscientes e inconscientes relacionam a identidade da pessoa a um contexto de moradia e criam disposições para uma participação contínua com esse local. Posteriormente, Lalli (1992) propôs o conceito de identidade associado ao contexto urbano (*urban-related identity*) e problematizou que a identidade da cidade pode influenciar a identidade da pessoa.

2.3.2. Teoria do Processo de Identidade (TPI)

A abordagem teórica e estrutural proposta pela Teoria do Processo de Identidade foi a principal referência adotada para se investigar um dos fenômenos centrais deste estudo, a identidade de lugar. A TPI foi formulada pelo psicólogo social Glynis Breakwell (1986) e propõe a conceituação da identidade em termos de um organismo biológico, inserido na interação entre processos psicológicos e contextos sociais, que incluem estruturas físicas e sociais.

Segundo Breakwell (2010) a identidade pode ser descrita em termos de estrutura e em termos de processos. Quanto à estrutura, a identidade pode ser descrita em duas dimensões, conteúdo e valor. A dimensão do conteúdo da identidade é organizada, porém não é estática, mas sim sensível às demandas do contexto social. Cada elemento da dimensão do conteúdo será avaliado de forma positiva ou negativa formando a dimensão de valor da identidade, que pode ser reavaliada diante das mudanças nos sistemas de valores e as modificações da posição do próprio indivíduo em relação a esses valores (Breakwell, 2010).

A TPI propõe que os indivíduos estão conscientes dos processos que influenciam

na sua identidade, permitindo monitorá-la (Timotijevic & Breakwell, 2000). Dois processos psicológicos universais que regulam a dimensão do conteúdo e do valor da identidade são a acomodação-assimilação e a avaliação. A assimilação refere-se à absorção de novos componentes na estrutura de identidade, enquanto a acomodação refere-se ao ajuste para encontrar um lugar para esses novos elementos (Breakwell, 1988). Da mesma forma, no processo contínuo da avaliação dos elementos da identidade ocorre a atribuição de valores e significados a conteúdos antigos buscando alcançar um resultado positivo para si (Speller et al., 2002).

Para alcançar esses resultados desejáveis, os processos de acomodação, assimilação e avaliação do mundo social são orientados por quatro princípios: distintividade, continuidade, auto-estima e auto-eficácia social que são relativos e específicos a cada cultura e período histórico (Breakwell, 1988). Esta teoria desenvolvida no âmbito da psicologia social, muito rapidamente, foi aplicada ao contexto da identidade de lugar, nomeadamente através da clássica investigação de Twigger-Ross & Uzzell (1996).

O princípio da distintividade é definido como um motivo que impulsiona o estabelecimento e a manutenção de um senso de diferenciação dos outros, com implicações para a cognição, afeto e comportamento (Breakwell, 1988). Todavia essa distintividade não deve ser apenas valorizada pelo indivíduo, mas também reconhecida socialmente (Speller et al., 2002).

No princípio da continuidade observa-se que dentro da identidade há alguma conexão entre o passado, o presente e o futuro. Esse princípio refere-se ao desejo de manter uma continuidade no decorrer do tempo e em situações adversas (Twigger-Ross & Uzzell, 1996). Ademais, possibilita reconhecer o meio como estável e o desenvolvimento da familiaridade ao ambiente, por essa razão, no caso de possíveis

ameaças a estrutura da identidade, esse sentimento de continuidade tem-se mostrado como um dos mais importantes (Vignoles et al., 2002). Uma mudança de lugar pode alterar aspectos da identidade de uma pessoa, principalmente se ela valorizava esses aspectos de sua identidade na localização anterior (Timotijevic & Breakwell, 2000). Alguns estudos que utilizaram o modelo da TPI analisaram possíveis relações entre identidade e mudanças de ambiente como migrações e encontraram evidências de que essas situações podem desencadear estratégias de enfrentamento (Speller et al., 2002; Timotijevic & Breakwell, 2000).

De acordo Twigger-Ross & Uzzell (1996), o terceiro princípio diz respeito à autoestima, que se refere a uma autoavaliação positiva de si e do grupo que a pessoa se identifica. Nesse contexto, Twigger-Ross et al. (2003) destacam que o indivíduo no desejo de manter uma identidade satisfatória, tende a enviesar positivamente a comparação para si e seu grupo para preservar a autoestima. De acordo com Speller et al. (2002) a autoeficácia, o quarto princípio, refere-se à confiança do indivíduo em suas capacidades de lidar com as demandas que possam surgir no ambiente para conseguir atingir seus objetivos, ou seja, ao desejo de se sentir competente e assumir o controle da própria vida.

Vignoles et al (2006) revisaram as teorias do autoconceito individual, da identidade social e da ameaça à identidade com o objetivo de identificar os principais motivos que impulsionam as pessoas na formação, manutenção e expressão da identidade pessoal e social. Esses autores identificaram seis motivações (distintividade, continuidade, autoestima, autoeficácia, sentimento de pertença e significado). O motivo de pertença está relacionado ao desejo de se sentir conectado e integrado a grupos sociais ou categorias sociais relevantes. As pessoas buscam relacionamentos e laços significativos com outros indivíduos e desejam fazer parte de comunidades ou identidades

culturais específicas. Já o motivo do significado refere-se à busca por uma identidade que tenha um propósito e um sentido mais amplo na vida. As pessoas buscam encontrar valores, crenças e objetivos que deem significado à sua existência, buscando uma identidade que vá além do aspeto individual.

Easterbrook & Vignoles (2012) buscaram integrar a Teoria da Construção da Identidade Motivada (MICT) com as pesquisas sobre a identidade social e demonstraram em um estudo que há diferentes motivações envolvidas quando as pessoas se identificam com diferentes tipos de grupos. Essas descobertas evidenciaram que as pessoas estabelecem uma identificação com grupos de redes interpessoais recentemente formados quando as interações comportamentais com os membros do grupo promovem um senso de eficácia, pertença e autoestima. Por outro lado, os novos integrantes do grupo tendem a se identificar com categorias sociais já estabelecidas e associam o significado simbólico de participar do grupo a sentimentos de significado, autoestima e distintividade.

2.3.3. *A Teoria da Identidade Social (TIS)*

A Teoria da Identidade Social tem lugar de destaque na literatura sobre relações intergrupais em Psicologia Social. O cerne da TIS pode ser encontrada na teoria proposta por Tajfel (1981), que propôs a definição de identidade social como parte do auto-conceito de um indivíduo relacionado por um lado à consciência de pertença a um grupo específico ou grupos sociais, e por outro, ao valor emocional atribuído a esta consciência. Essa teoria foi contemplada e ampliada por Turner et al. (1987) por meio da “*teoria de categorização do self*”.

Devido a escassez de uma ferramenta teórica para estudar as interações entre o ambiente e o self, Bernardo & Palma-Oliveira (2013) propuseram uma compreensão do

conceito identidade de lugar (*place-identity*) desenvolvida por Proshansky como um aspecto da identidade social por intermédio da autocategorização em termos de lugar. Assim, os lugares também podem ser pensados como categorias sociais que possuem um significado social comum e não apenas o ambiente no qual ocorre a interação.

A TIS apresenta três conceitos fundamentais: categorização social, identidade social e comparação social (Tajfel & Turner, 1979). O processo de categorização social consiste num sistema de orientação que possibilita posicionar o indivíduo em relação aos outros e na sociedade (Fernandes & Pereira, 2018). A identidade social se define na consciência de pertença a um grupo, o significado emocional e avaliativo resultante dessa pertença deriva do favoritismo pelos membros do endogrupo em detrimento do exogrupo (Tajfel & Turner, 1979). É justamente por meio dessa perspectiva comparativa que a categorização social se une à identidade social (Valera & Pol, 1994).

Portanto, para construir uma identidade social positiva, devem ser feitas comparações favoráveis entre os membros do endogrupo em relação a alguns membros relevantes do exogrupo (Tajfel & Turner, 1979). Entretanto, se houver descontentamento com a identidade social, uma tentativa de deixar de ser membro do grupo pode ocorrer quando o indivíduo percebe que na integração com o grupo ele apresenta uma identidade negativa ou "desidentificação" psicológica. Nesse processo, a pessoa tende a não continuar essa identificação, pois se reconhece como um membro atípico (de Vreeze & Matschke, 2019).

Nesse contexto, quando um grupo é incapaz de fornecer uma boa identidade social por qualquer causa, surge um fenômeno que impulsiona a mobilização de métodos capazes de restaurar a função da organização. Tajfel & Turner (1979) identificaram três respostas comuns à ameaça ou depreciação da identidade social: mobilidade individual, competição ou valoração competitiva e criatividade social. A primeira refere-se a busca

de novos grupos por esse indivíduo que lhe permitam fazer comparações mais favoráveis; a segunda resposta refere-se a busca de superação dos grupos exteriores na dimensão em que anteriormente conseguiam manter comparações favoráveis e a terceira, criatividade social, consiste em uma estratégia de reconstrução, na qual o indivíduo poderá adotar uma nova dimensão que possa servir de referência comparativa favorável.

3. Identidade de lugar, vínculo ao lugar e os diferentes impactos nas atitudes intergrupais

Com o aumento da imigração e as tensões intergrupais entre imigrantes e nativos, acadêmicos e políticos têm sido desafiados a identificar condições para que se desenvolvam relações intergrupais mais positivas (Jasinskaja-Lahti et al., 2012). Liu et al. (2018) observaram que a mera presença de contato intergrupar não melhora necessariamente as relações intergrupais e que um forte sentimento de pertença nem sempre se traduz em percepções intergrupais positivas para nativos e imigrantes.

Nesse contexto, diversos estudos vêm evidenciando vários determinantes das atitudes intergrupais, dentre eles, a identificação dentro do grupo têm sido um dos preditores mais significativos usado para analisar as interações entre residentes da maioria das comunidades anfitriãs e imigrantes (Jasinskaja-Lahti et al, 2012). A título de exemplo, foi demonstrado que a alta identificação nacional e narcisismo em nível de grupo levam os membros do grupo nacional a perceberem o país como pertencente apenas a eles e isso contribui para atitudes e comportamentos negativos aos imigrantes, que são percebidos como ameaça à segurança e à identidade do grupo interno (Lyons et al., 2010; Golec de Zavala & Cichocka, 2012; Brylka et al., 2015).

Em estudos sobre vínculo ao lugar e atitudes intergrupais os resultados são mais diversos. A vinculação ao lugar tanto pode estar associada a uma menor aceitação dos

grupos externos no local e atuar como um preditor significativo da distância social (Aleshinloye et al., 2019) como também pode acarretar em maior participação local dos residentes mais estabelecidos (nativos) e novos moradores (Toruńczyk-Ruiza & Martinović, 2020).

Outros estudos buscaram investigar os efeitos de algumas variáveis sociodemográficas na relação com os lugares. O tempo de residência em um lugar tem aparecido na literatura como um dos preditores mais importantes do vínculo ao lugar (Kasarda & Janowitz, 1974; Rubinstein & Parmelee, 1992; Bonaiuto et al., 1999; Stedman, 2006; Hernandez et al., 2007; Lewicka, 2010; Anton & Lawrence, 2014). A diversidade de renda foi negativamente associada ao vínculo à vizinhança (Toruńczyk-Ruiz & Lewicka, 2016). Quanto à diversidade étnica dos locais, alguns estudos têm explorado a relação entre atitudes nacionalistas, conduta anti-imigrantes e o voto para a direita radical (Werts et al., 2013; Lucassen & Lubbers, 2012; Green et al., 2016; Lubbers & Coenders, 2017). Nessa mesma direção, ao considerar o vínculo ao lugar em bairros multiculturais, Nijs et al. (2019) aponta que quando as pessoas vivem em áreas residenciais etnicamente variadas e têm interações ruins com os imigrantes, é mais provável que se sintam ameaçadas e mais propensas a votar em um partido de extrema direita.

Diante do exposto, esperava-se que a vinculação a um local estivesse associada apenas a opiniões desfavoráveis a grupos externos, entretanto, Lewicka (2011) demonstrou que em algumas situações pessoas altamente vinculadas podem compartilhar o local e serem mais acolhedoras aos estrangeiros. Lewicka (2011) distinguiu três formas diferentes de vínculo: tradicional, ativa e relatividade ao lugar. Na abordagem desenvolvida por Lewicka (2012, 2013) esses três tipos de vínculo ao lugar são distinguidos em: lugar herdado, lugar descoberto e sem-vínculo. Segundo ela os

tradicionalmente vinculados eram mais velhos, menos educados e apresentaram pontuação mais alta em valores conservadores, incluindo tradição e segurança, enquanto os ativamente vinculados eram mais interessados pela história local e se adaptaram com mais facilidade a diferentes circunstâncias e a chegada de outros grupos étnicos. Nos achados de Jaskiewicz & Besta (2018) o vínculo ativo foi considerado um preditor de ações coletivas destinadas a melhorar a convivência entre os vizinhos.

Neste contexto Wnuk & Oleksy (2021) realizaram uma pesquisa onde dois grupos historicamente em conflito, palestinos e israelitas, lutam pela ocupação do mesmo território. Os resultados mostraram que nos israelitas tradicionalmente vinculados, foi encontrada uma correlação positiva com o preconceito com o grupo externo- palestinos, enquanto os israelitas ativamente vinculados apresentaram uma correlação negativa ao preconceito, a relatividade do lugar não se relacionou com as atitudes intergrupais. No que diz respeito aos palestinos, não houve evidências do efeito do vínculo ativo e tradicional, já o de relatividade ao lugar previu positivamente a aceitação do exogrupo, sugerindo que quando o local de residência não é importante eles são capazes de aceitar a presença dos israelitas. Os dados descobertos pelos pesquisadores indicaram que as relações entre o vínculo ao lugar e as atitudes em relação ao grupo externo em conflito dependem dos estatutos do grupo.

Buscamos testar empiricamente o mecanismo por trás dessas relações, portanto esta pesquisa destinou-se a testar em um ambiente sem conflito, se diferentes formas de vínculo ao lugar têm impactos distintos nas atitudes em relação a diferentes grupos externos, com diferentes estatutos sociais. Para mais, conforme observado nos capítulos anteriores, a teoria dos motivos da identidade integra previsões da teoria da identificação social, mas nenhuma pesquisa propôs analisar a tipologia do vínculo ao lugar desenvolvida por Lewicka (2011) junto a teoria dos motivos da identidade (Vignoles,

2002a), dessa forma propusemos que os cinco motivos: continuidade, distintividade, autoestima, autoeficácia e sentimento de pertença podem influenciar os diferentes tipos de vínculo ao lugar (ativo, tradicional e relatividade de lugar).

4. Objetivos do estudo

Este estudo explorou os diferentes tipos de vínculo ao lugar e as relações intergrupais na cidade de Évora. Para este efeito, foi realizado um estudo de campo para verificar se o tipo de vinculação ao lugar (tradicional, ativo ou relatividade de lugar) afetaria de maneira distinta as atitudes dos portugueses residentes no Concelho de Évora em relação a outros grupos sociais com diferentes origens geográficas e étnicas que vivem na cidade. Foi ainda testado se as motivações que estão na base da identidade ao lugar (continuidade, distintividade, autoestima, autoeficácia e sentimento de pertença) são distintas para esses diferentes tipos de vínculo ao lugar e exploramos o papel das variáveis sociodemográficas (idade, sexo, posicionamento político, escala social, tempo de residência) nos diferentes tipos de vínculos ao lugar.

4.1 Hipóteses

De acordo com os estudos já realizados e a pesquisa feita, são postuladas as principais hipóteses do estudo:

1. Espera-se que os diferentes tipos de vínculos (tradicional, ativo e relatividade de lugar) sejam preditos pelos motivos da identidade (distintividade, continuidade, autoestima, autoeficácia e pertença), identidade ao lugar e variáveis sociodemográficas).
2. Espera-se que os diferentes tipos de vinculação ao lugar afetem de maneira distinta as atitudes intergrupais, em relação aos diferentes grupos estudados.

- 2.a. Espera-se que o vínculo tradicional à cidade esteja associado a um menor grau de aceitação da presença de imigrantes na cidade de Évora.
- 2.b. Espera-se que o vínculo ativo à cidade esteja associado a um maior grau de aceitação da presença de imigrantes na cidade de Évora
- 2.c. Espera-se que a relatividade de lugar esteja associada a um maior grau de aceitação à presença de imigrantes na cidade de Évora.
- 3.a. Espera-se que uma maior idade dos participantes esteja associada ao vínculo tradicional.
- 3.b. Espera-se que o tempo de residência esteja associado ao vínculo tradicional
- 3.c. Espera-se que o posicionamento político ideológico esteja associado aos diferentes tipos de vínculo
- 3.d. Espera-se que o status social esteja associado aos diferentes tipos de vínculo.
- 3.e. Espera-se que haja influência do sexo para os tipos de vínculo ao lugar, identidade de lugar, continuidade, distintividade, autoestima, autoeficácia e sentimento de pertença.

4.2 Estudo de caso

O estudo de campo foi realizado no Concelho de Évora (Figura 1), uma cidade portuguesa, capital do Distrito de Évora, integrada na Região Alentejo e na sub-região Alentejo Central. Com uma área abrangendo 1.307 quilômetros quadrados, essa localidade representa cerca de 4,8% da Região Alentejo e 1,4% do território total de Portugal Continental. Está situada em um ponto de convergência de três bacias fluviais e localizada a 140 quilômetros a leste, da capital portuguesa, Lisboa. Sua densidade populacional é de aproximadamente 43,3 habitantes por quilômetro quadrado, o que contrasta com a média nacional de 114,5 habitantes por quilômetro quadrado registrada

no censo de 2011. Dessa forma, o concelho de Évora se destaca como uma região de densidade populacional relativamente baixa. Na época do censo de 2011, aproximadamente 56.596 indivíduos residiam na área, distribuídos entre as 19 freguesias que a compõem (Bacelo, Canaviais, Horta das Figueiras, Malagueira, Nossa Senhora da Boa Fé, Nossa Senhora da Graça do Divor, Nossa Senhora da Tourega, Nossa Senhora de Guadalupe, Nossa Senhora de Machede, Santo Antão, São Bento do Mato, São Mamede, São Manços, São Miguel de Machede, São Sebastião da Giesteira, São Vicente do Pigeiro, Sé e São Pedro, Senhora da Saúde e Torre de Coelheiros). Sendo que 11 delas estão majoritariamente situadas em áreas rurais, enquanto 7 estão predominantemente localizadas em áreas urbanas e 1 está em uma região de transição. No entanto, do ponto de vista administrativo, de acordo com as disposições da Lei n.º 11-A/2013 de 28 de janeiro, o concelho de Évora é subdividido em doze freguesias. Évora foi influenciada por diversas civilizações que deixaram sua marca no território português atual, ademais, devido ao seu rico legado cultural, foi reconhecida como Patrimônio Cultural da Humanidade desde 1986 e escolhida para ser a Capital Europeia da Cultura em 2027, juntamente com Liepaja, na Letônia.

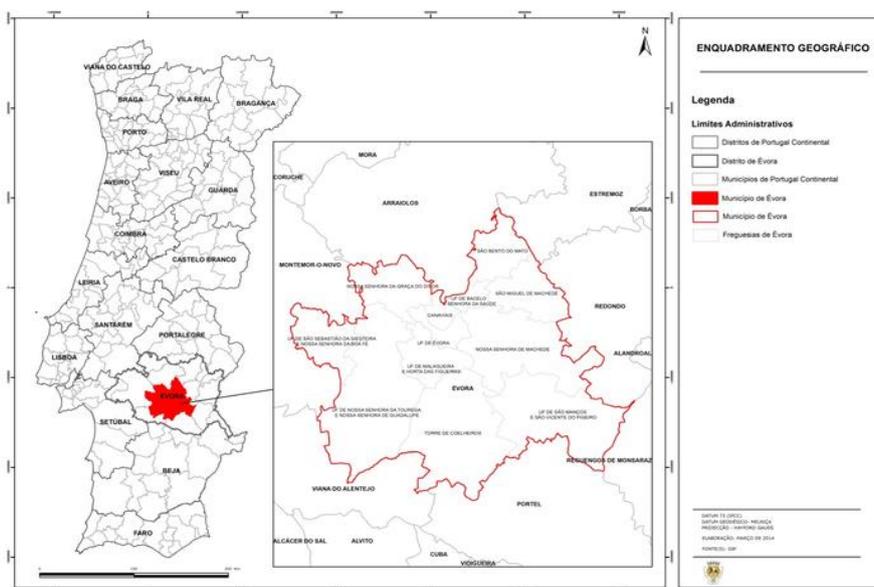


Figura 1. Enquadramento geográfico do concelho de Évora

5. Método

Nesta investigação, foi utilizada uma metodologia quantitativa, através de um questionário online constituído por perguntas fechadas.

5.1 Participantes

Foram considerados os seguintes critérios de inclusão para a amostragem: ter nacionalidade portuguesa e residir no concelho de Évora há pelo menos 10 anos. Para o estudo foram incorporadas pessoas com idades entre os 18 aos 25 anos, 26 aos 42 anos, 43 aos 57 anos, acima de 58 anos. Neste estudo responderam aos questionários, 201 portugueses residentes, a amostra foi composta por 56,2% (n=113) de pessoas do sexo feminino, 43,3% (n=87) pessoas do sexo masculino e 0,5% pessoas que se reconhecem como outro (n=1). A idade média geral das mulheres foi 45 anos (DP = 17,393) e dos homens 41 anos (DP=18,909). A maioria da amostra apresentou escolaridade ao nível do ensino superior (56,71%), seguido pelo ensino secundário (33,33%), depois do ensino básico (9,95%). Em relação ao tempo de residência a média total obtida foi de 32,98 anos a viver no Concelho de Évora (DP=14,62, Min=10; Máx=55).

Tabela 1

Distribuições das médias e frequências das características demográficas dos participantes.

N=201	
Sexo (%)	
Feminino	56,2
Masculino	43,3
Outro	0,5
Idade (%)	
Média	43,42
DP	18,030
Tempo de residência (%)	
Média	32,985
DP	14,621
Educação (%)	
Ensino Básico	9,95
Ensino Secundário	33,33
Ensino Superior	56,71

5.2 Procedimentos e instrumentos

Para este estudo foi aplicado um questionário composto de 6 partes, sendo cinco delas de resposta fechada, com base numa escala de tipo Likert de sete pontos, e a última parte relativa ao preenchimento de dados sócio demográficos dos participantes.

A identidade de lugar dos portugueses residentes em relação à cidade de Évora foi avaliada pela Escala de Identidade de Lugar (Place Identity Scale) (baseado em Bernardo et al. 2016), cujo α de Cronbach para a escala de quatro itens foi de 0.950. Para avaliar os tipos de vínculo ao lugar foi utilizada a Escala de Vínculo ao Lugar (Place Attachment Type) (baseado em Lewicka, 2011 e Wnuk & Oleksy (2021) com nove itens, cujos valores de α correspondem a 0.76 para o local herdado, 0.72 para o local descoberto e 0.78 para a relatividade de lugar. Em nosso estudo encontramos para os três itens correspondentes vínculo tradicional o α de Cronbach foi de 0.903, para os três itens referentes ao vínculo ativo o α de Cronbach foi de 0.822 e para os os três itens relacionados a relatividade de lugar o α de Cronbach foi de 0.645. Por sua vez, para os

motivos da identidade foi utilizada a Escala Motivos de Identidade (Identity Motives) (baseado em Breakwell, et al. 1996, Droseltis & Vignoles 2010 e Smeekes & Verkuyte 2013) de quinze itens, para os três itens que compõem a variável continuidade o α de Cronbach foi de 0.861, para os três itens que compõem a variável sentimento de pertença o α de Cronbach foi de 0.934, para os três itens que compõem a variável auto-estima o α de Cronbach foi de 0.940, para os três itens que compõem a variável autoeficácia o α de Cronbach foi de 0.883, para os três itens que compõem a variável distintividade o α de Cronbach foi de 0.915. Todos esses itens avaliados foram respondidos numa escala de 7 pontos (1= Discordo fortemente a 7= Concordo fortemente).

Para operacionalizar as atitudes ao grupo externo, foram utilizadas as seguintes perguntas: foi “Em que medida considera que pessoas destas nacionalidades se encaixam em Évora?” e “Em que medida gostaria de ter um vizinho desta nacionalidade?”. Os participantes tinham que responder em função dos seguintes grupos: franceses, romenos, ciganos, brasileiros, membros dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, cidadãos oriundos da Ásia, Ucrrianos e Portugueses.

Os entrevistados também foram convidados a responder à pergunta “em que medida eles se consideram” I- eborense (identidade local); II-alentejano; III-português (identidade nacional) e IV- europeu. A escala de resposta variou de 1= Discordo fortemente a 7= Concordo fortemente.

Para a Escala social, tem por objetivo avaliar a posição social em que os sujeitos se colocam. Os participantes utilizamos uma escada composta de 10 degraus em que o primeiro degrau correspondia às "Pessoas com piores condições de vida (menos dinheiro, educação e/ou piores empregos ou sem emprego)" e o décimo degrau às “Pessoas com melhores condições de vida (mais dinheiro, educação e/ou melhores empregos)”, foi

solicitado que o participante se autoavaliasse e escolhesse o degrau que o representa socialmente.

Também foi solicitado que os participantes definissem a orientação política numa escala que ia de extrema-esquerda, a extrema-direita com 7 posições possíveis (ver anexo b).

5.3 Recolha de Dados

O questionário foi aplicado apenas uma vez aos residentes do concelho de Évora de forma individual. A duração média de aplicação do questionário foi aproximadamente 10 a 15 minutos. Os dados foram recolhidos entre o mês de dezembro de 2022 e janeiro de 2023 e a confidencialidade e anonimato dos participantes foram sempre assegurados.

Os questionários foram respondidos de forma online por meio da plataforma Google Forms. As pessoas foram contatadas pelas mídias sociais como WhatsApp e mail e, também, foram abordadas maioritariamente ao fim da tarde no centro da cidade, em cafés, praças e nas ruas, em especial, para os participantes acima dos 58 anos de idade, foi oferecido auxílio tecnológico para o preenchimento do questionário.

5.4. Análise das características psicométricas dos instrumentos

Iniciamos a análise de dados pela confirmação da estrutura fatorial da escala de tipos de vínculo. Uma análise fatorial exploratória da escala dos tipos de vínculo permitiu verificar a existência de 3 fatores que explicam 73,709 da variância total e confirma a estrutura fatorial original (Lewicka, 2011 e Wnuk & Oleksy, 2021) (Tabela 2). O primeiro

fator explica 28,732 da variância e inclui os 3 itens da escala original correspondendo ao vínculo tradicional. O segundo fator corresponde aos 3 itens originais do vínculo ativo e explica 25,373 da variância. Finalmente, o terceiro fator corresponde aos 3 itens da relatividade de lugar e explica 19,604 da variância.

Tabela 2

Análise Fatorial dos itens da escala de vínculo ao lugar

Itens	Fator 1 Vínculo Tradicional	Fator 2 Vínculo Ativo	Fator 3 Relatividade de lugar
Mesmo que haja lugares melhores, não vou sair de Évora	0.904	0.236	0.020
Eu não consigo imaginar deixar Évora para sempre	0.894	0.218	0.026
Eu nunca considereei que viver noutra lugar seria melhor	0.856	0.218	0.068
Eu gosto de caminhar por Évora e descobrir novos lugares	0.177	0.907	-0.020
De tempos a tempos descobro novos sítios em Évora	0.205	0.779	0.034
Eu gosto de acompanhar as mudanças que acontecem neste lugar	0.396	0.742	0.036
As pessoas não se devem apegar a nenhum lugar	0.015	-0.021	0.824
Eu não quero saber do local onde vivo	0.080	-0.154	0.777
É mais importante para mim como vivo do que onde vivo	-0.004	0.357	0.688
Variância explicada	28.732	25.373	19.604
Alfa de Cronbach	0.903	0.822	0.645

6. Resultados

Preditores dos tipos de vínculo

Antes de testar as hipóteses apresentamos a estatística descritiva, isto é, médias e desvio padrão de todas as escalas estudadas (identidade de lugar, do vínculo tradicional, vínculo ativo, relatividade de lugar, distintividade, continuidade, sentimento de pertença, autoestima, autoeficácia, distintividade) (tabela 3). Tendo em conta que a escala era de 7 pontos, podemos afirmar que a identidade de lugar, a autoestima, o vínculo ativo, o sentimento de pertença, a continuidade e a autoeficácia apresentaram as médias mais altas comparadas com as outras variáveis, enquanto a relatividade de lugar apresentou a média mais baixa.

Em relação aos tipos de vínculo verifica-se valores mais altos para o vínculo ativo do que os restantes tipos de vínculos. Esse resultado também foi verificado pela Wnuk & Oleksy (2021).

Tabela 3

Médias e desvios padrões das variáveis

	N	Média	Desvio Padrão
Identidade de lugar	201	5,0709	1,65537
Vínculo tradicional	201	3,7745	1,98354
Vínculo ativo	201	4,9171	1,52672
Relatividade de lugar	201	3,3085	1,29912
Continuidade	201	4,8673	1,77140
Sentimento de pertença	201	4,9154	1,74229
Autoestima	201	4,9320	1,82340

Autoeficácia	201	4,1924	1,80232
Distintividade	201	3,6833	1,86897

Para verificar a hipótese 1 e estudar os fatores que contribuem para os diferentes tipos de vínculo, uma regressão múltipla com seleção de variáveis *stepwise*, foi utilizado para obter um modelo que permitisse prever os diferentes tipos de vínculo (tradicional, ativo e relatividade), tendo por variáveis os motivos da identidade (distintividade, continuidade, sentimento de pertença, autoestima, autoeficácia), identidade ao lugar e variáveis sociodemográficas como a escada social, orientação política, idade e tempo de residência, (ver tabelas 4,5,6).

Os resultados encontrados na tabela 4 mostraram que o Vínculo Tradicional é predito significativamente pelas seguintes variáveis: a identidade de lugar, a idade, e as dimensões da identidade: distintividade, continuidade e autoeficácia são os fatores que melhor explicam o vínculo tradicional. Este modelo é altamente significativo e explica uma proporção elevada da variabilidade Vínculo Tradicional ($F(5,189) = 64,799$; $p = .000$; $R^2 = .632$).

Enquanto, como se pode ver na tabela 5 o vínculo ativo é predito significativamente pelas seguintes variáveis: identidade de lugar, a idade, a política, o tempo de residência, a autoeficácia e a continuidade foram os fatores que melhor explicaram o vínculo ativo. Este modelo é altamente significativo e explica uma proporção elevada da variabilidade vínculo ativo ($F(5,189) = 37.262$; $p = .000$; $R^2 = .545$).

Finalmente na tabela 6, podemos verificar que a relatividade de lugar é apenas predito pela idade, que explica uma significativa mas muito baixa proporção de

variabilidade do vínculo (ver tabela 6). Verifica-se assim que a H1 se confirma parcialmente.

Tabela 4

Regressão em relação vínculo tradicional

	<i>Modelo 1</i>			<i>Modelo 2</i>			<i>Modelo 3</i>		
	B	Beta	Std. Error	B	Beta	Std. Error	B	Beta	Std. Error
Identidade de lugar	.803	.672	.064	.740	.620	0.059	.298	.249	.088
Idade				0.034	.311	0.005	.035	.322	.005
Distintividade							.167	.159	.072
Continuidade							.214	.191	.085
Autoeficácia							.202	.182	.084
R ²	.451			.545			.632		

Nota: Todos os valores das variáveis são significativos ao nível de 0.05

Tabela 5

Regressão em relação vínculo ativo

	<i>Modelo 1</i>			<i>Modelo 2</i>			<i>Modelo 3</i>		
	B	Beta	Std. Error	B	Beta	Std. Error	B	Beta	Std. Error
Identidade de lugar	.560	.614	.052	.376	.412	.067	.289	.316	.076
Idade				.029	.340	.006	.034	.400	.006
Política				-.183	-.179	.052	-.183	-.180	.051
Tempo de Residência				-.022	-.209	.008	-.030	-.283	.008
Autoeficácia				.256	.300	.062	.199	.233	.066
Continuidade							.176	.206	.076
R ²	.377			.531			.545		

Nota: Todos os valores das variáveis são significativos ao nível de 0.05

Tabela 6

Regressão em relação a relatividade de lugar

Modelo 1			
	B	Beta	Std. Error
Idade	.012	.162	.005
R ²	.026		

Nota: Todos os valores das variáveis são significativos ao nível de 0.05

Vínculo ao lugar e atitudes intergrupais

Esperava-se que os diferentes tipos de vinculação ao lugar afetassem de maneira distinta as atitudes intergrupais e para testar as hipóteses 2a, 2b e 2c foi realizada uma análise de correlação de Pearson entre as variáveis de vínculo ativo, vínculo tradicional, a relatividade ao lugar e as questões referentes aos grupos externos: “*Em medida considera que pessoas dessas nacionalidades se encaixam em Évora?*” e “*Em que medida gostaria de ter um vizinho dessas nacionalidades?*” (tabela 7 e tabela 8).

Os resultados referentes ao vínculo tradicional e os grupos externos, em relação à tabela 7, mostraram correlações positivas, fracas com brasileiros (.169*), membros dos países africanos da comunidade da língua portuguesa (.190*) e uma correlação positiva média com os portugueses (.304**).

Quanto ao vínculo ativo e os grupos externos, os resultados em relação à tabela 7, apontaram correlações positivas e significativas com os franceses (.364**), romenos (.275**), ciganos (.303**), brasileiros (.408**), membros dos países africanos da

comunidade da língua portuguesa (.442**), ciganos, cidadãos oriundos da Ásia (.398**), ucranianos (.397**) e portugueses (.424**).

Quanto à relatividade ao lugar, pôde-se verificar na tabela 7 uma correlação positiva significativa apenas com os brasileiros (.189**).

Tabela 7

Correlações e significâncias dos tipos de vínculos e as respostas à questão “Em medida considera que pessoas dessas nacionalidades se encaixam em Évora?”

	Vínculo Tradicional	Vínculo Ativo	Relatividade de lugar	FR	RO	CI	BR	PALOP	ÁSIA	UC	PT
Vínculo Tradicional	--										
Vínculo Ativo	.511**	--									
Relatividade de lugar	.102	.110	--								
FR	.128	.364**	.109	--							
RO	-.024	.275**	.061	.710**	--						
CI	.052	.303**	.003	.395**	.602**	--					
BR	.169*	.408**	.189**	.609**	.653**	.517**	--				
PALOP	.190**	.442**	.096	.582**	.641**	.488**	.767**	--			
ÁSIA	.103	.398**	.086	.684**	.763**	.655**	.632**	.662**	--		
UC	.094	.397**	.069	.687**	.806**	.575**	.740**	.730**	.836**	--	

PT	.304**	.424**	.096	.325**	.293**	.177*	.441**	.440**	.257**	.301**	--
----	--------	--------	------	--------	--------	-------	--------	--------	--------	--------	----

Nota. *p<.05; **p<.01

FR (Franceses); RO (Romenos); CI (Ciganos); BR (Brasileiros); PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, ex: Angola, Moçambique); Ásia (Cidadãos oriundos da Ásia, ex: Índia, Paquistão), UC (Ucranianos) e PT (Portugueses)

Conforme a tabela 8, os resultados referentes ao vínculo tradicional e aos grupos externos mostraram correlações positivas com os brasileiros (.186**) e os membros dos países africanos da comunidade da língua portuguesa (.158*) e uma correlação positiva média com os portugueses (.356**).

Para o vínculo ativo e os grupos externos observou-se correlações positivas significativas com os franceses (.349**), romenos (.273**), ciganos (.263**), brasileiros (.409**), membros dos países africanos da comunidade da língua portuguesa (.363**), cidadãos oriundos da Ásia (.331**), ucranianos (.367**) e portugueses (.417**) (ver tabela 8). No que concerne à relatividade de lugar, verificou-se apenas uma correlação positiva significativa com os brasileiros (.183**).

Tabela 8. *Correlações e significâncias dos tipos de vínculos e as respostas à questão “Em que medida gostaria de ter um vizinho dessas nacionalidades?”*

	Vínculo Tradicional	Vínculo Ativo	Relatividade de lugar	FR	RO	CI	BR	PALO P	ÁSIA	UC	PT
Vínculo Tradicional	---										
Vínculo Ativo	.511**	---									
Relatividade de lugar	.102	.110	---								

FR	.045	.349**	.024	---							
RO	-.017	.273**	-.016	.778**	---						
CI	.079	.263**	.099	.456**	.668**	---					
BR	.186**	.409**	.183**	.680**	.686**	.511**	---				
PALOP	.158*	.363**	.071	.683**	.695**	.549**	.772**	---			
ÁSIA	.080	.331**	.064	.716**	.773**	.656**	.734**	.837**	---		
UC	.110	.367**	.056	.760**	.787**	.565**	.791**	.831**	.829**	---	
PT	.356**	.417**	.093	.440**	.306**	.143*	.500**	.461**	.314**	.445**	---

Nota. *p<.05; **p<.01

FR (Franceses); RO (Romanos); CI (Ciganos); BR (Brasileiros); PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, ex: Angola, Moçambique); Ásia (Cidadãos oriundos da Ásia, ex: Índia, Paquistão), UC (Ucranianos) e PT (Portugueses)

Portanto, confirma-se a hipótese 2, isto é, verificamos diferenças significativas para os diferentes tipos de vinculação ao lugar e às atitudes intergrupais. A H2a e H2b também se confirmam e a H2c não foi confirmada.

Tipos de vínculo com as variáveis sociodemográficas: idade, tempo de residência, posicionamento político, escala social e sexo

Na tabela 9 exploramos as correlações entre as variáveis: vínculo ativo, vínculo tradicional, relatividade ao lugar e o tempo de residência dos participantes no Concelho de Évora, a idade dos participantes e o posicionamento político-ideológico e a escala social.

Os resultados mostraram uma correlação positiva, significativa e média entre o vínculo tradicional e a idade dos participantes; foi verificada uma correlação positiva e baixa entre o vínculo ativo e a idade dos participantes e uma correlação marginalmente significativa positiva entre a relatividade de lugar. O que confirma a hipótese 3a.

Verificou-se também uma correlação positiva, significativa e média entre o vínculo tradicional e o tempo de residência; uma correlação positiva baixa entre vínculo ativo e o tempo de residência e uma correlação marginalmente significativa positiva entre a relatividade ao lugar e o tempo de residência. Confirmando a hipótese 3b.

Entre o posicionamento político ideológico e os diferentes tipos de vínculo ao lugar, verificou-se uma correlação negativa e baixa entre o vínculo ativo e a orientação política; uma correlação negativa pequena entre o vínculo tradicional e a orientação política e uma correlação positiva pequena entre a orientação política e a relatividade ao lugar. Não confirmando a hipótese 3c.

Para a escala social, verificou-se uma correlação marginalmente significativa positiva com o vínculo tradicional, uma correlação positiva e baixa com o vínculo ativo e uma correlação negativa e marginalmente significativa com a relatividade de lugar. Não confirmando a hipótese 3d.

Tabela 9

Correlações entre os tipos de vínculos e as variáveis sociodemográficas

	Vínculo Tradicional	Vínculo Ativo	Relatividade de lugar	Idade	Escala Social	Política	Tempo de Residência
Vínculo Tradicional	---						
Vínculo Ativo	.511**	---					

Relatividade de lugar	.102	.110	---				
Idade	.415**	.335**	.170*	---			
Escala Social	.067	.135	-.033	-.004	---		
Política	-.014	-.207**	.079	-.143*	-.016	---	
Tempo de Residência	.454**	.241**	.054	.700**	-.051	-.037	---

Nota. *p<.05; **p<.01

A tabela 10 explora a identidade de lugar, vínculo tradicional, vínculo ativo, a relatividade de lugar, sentimento de pertença, continuidade, distintividade, autoestima e autoeficácia em função do sexo. Em todas as variáveis, as médias dos homens e das mulheres foi estatisticamente diferente, sugerindo diferenças de sexo. Os resultados mostraram que para todas as variáveis os participantes do sexo masculino apresentaram maiores valores que as participantes do sexo feminino. As maiores médias foram encontradas, para ambos os sexos, em identidade de lugar e as menores médias, para a relatividade de lugar.

Para testar a hipótese 3e, foi realizado um Test T para amostras independentes e para avaliar a homogeneidade das variâncias foi utilizado o teste de Levene. O Teste T mostrou que, em média, os homens apresentaram identidade de lugar ($t(197,602) = -2,639$; $p=0,009$), vínculo ativo ($t(198) = -1,850$; $p= 0,066$), vínculo tradicional ($t(198) = -2,432$; $p= 0,016$), a relatividade ao lugar ($t(198) = -2,432$; $p= 0,043$), Sentimento de pertença ($t(198) = -1,900$; $p = 0,059$), continuidade ($t(196,613) = -2,858$; $p = 0,005$), distintividade ($t(198) = -2,640$; $p= 0,009$), autoestima ($t(198) = -2,499$; $p= 0,013$) e autoeficácia ($t(198) = -2,635$; $p= 0,009$) superiores às mulheres.

Tabela 10*Médias e desvios padrões das variáveis em função do sexo*

	Feminino	Masculino	t	sig
	Média (DP)	Média(DP)		
Identidade de Lugar	4.81(1.77)	5.41(1.43)	-2.639	0.009
Vínculo Ativo	4.74(1.61)	5.14(1.39)	-1.850	0.066
Vínculo Tradicional	3.48(1.94)	4.16(1.98)	-2.432	0.016
Relatividade de lugar	3.15(1.24)	3.52(1.33)	-2.432	0.043
Sentimento de Pertença	4.71(1.82)	5.18(1.60)	-1.900	0.059
Continuidade	4.56(1.87)	5.26(1.56)	-2.858	0.005
Distintividade	3.37(1.81)	4.06(1.88)	-2.640	0.009
Autoestima	4.66(1.89)	5.30(1.67)	-2.499	0.013
Autoeficácia	3.91(1.78)	4.58(1.74)	-2.635	0.009

Nota. (DP) = Desvio Padrão

7. Discussão

Évora é uma cidade peculiar pois conserva em si grande parte de sua história romana e medieval, seus sítios históricos criam uma sensação de estabilidade e continuidade com o passado que incorporam as tradições da população eborense. Essas características físicas podem indicar pouca abertura às mudanças e moldar as atitudes em relação aos diferentes grupos externos nesses locais, isto é, os moradores nativos podem

perceber membros de determinados grupos como menos adequados ao local e ter uma menor abertura à diversidade social naquele lugar (Wnuk & Oleksy, 2021).

No entanto, o significado de um local não é apenas derivado de seus atributos físicos, mas também é produzido socialmente e depende dos atores envolvidos. (Low, 1992; Relph, 1976; Tuan, 1977). Nesse contexto, nossos achados endossam que o tipo de vinculação territorial é uma variável importante a ser considerada na análise de preditores de atitudes intergrupais. Isso amplia pesquisas anteriores sobre o vínculo ao lugar, ao mostrar o papel dos diferentes vínculos, ao considerar sua natureza tradicional ou ativa, nas consequências sociais do mundo contemporâneo (Lewicka, 2012, Jasinskaja-Lahti et al., 2012; Bailey et al., 2016; Jaskiewicz & Besta, 2018; Wnuk & Oleksy, 2021).

Analisando agora cada uma das hipóteses, verificámos em relação à hipótese 1, que as regressões mostraram que a identidade de lugar continua sendo uma variável importante para explicar tanto a vinculação de natureza tradicional como a ativa, o que reforça as pesquisas anteriores, que o vínculo ao lugar também está baseado na identificação com o local. (Lewicka, 2011b, 2013b).

A idade também apareceu como uma variável que explica ambos os vínculos ativo e tradicional. Isso apoiou descobertas anteriores sobre o vínculo ao lugar e reforçou a visão de que quanto mais velho mais vinculado aos lugares somos (Lewicka, 2005; 2010; Anton & Lawrence, 2014).

O tempo de residência apareceu como preditor negativo significativo para a vinculação ativa. Esse achado se opõe aos estudos realizados sobre vínculo ao lugar como uma estrutura única (Kasarda & Janowitz, 1974; Rubinstein & Parmelee, 1992; Bonaiuto et al., 1999; Stedman, 2006; Hernandez et al., 2007; Lewicka, 2010; Anton & Lawrence, 2014). Mas quando considerada a natureza do vínculo, outros estudos também

observaram que o tempo que as pessoas vivem em um lugar contribui para o enraizamento em indivíduos tradicionalmente vinculados (Bailey et al., 2016; Lewicka, 2011a; 2013a).

A orientação política é outra variável que contribuiu para a explicação do vínculo ativo, todavia, atuou como um preditor negativo significativo. Uma possível interpretação desse resultado é que pessoas ativamente vinculadas tendem a uma orientação política mais para a esquerda, o que justifica a opinião mais positiva sobre a presença dos imigrantes. No entanto, não sabemos de nenhuma pesquisa anterior focada explicitamente na orientação política como uma variável que contribui para a explicação da vinculação ao lugar. Entretanto, pesquisas anteriores sobre contato intergrupais e ideologia política, apontaram que a opinião negativa sobre imigrantes e preocupações da população nativa em relação a ameaças étnicas culturais aumentaram a inclinação para o voto na direita radical (Werts et al., 2013; Lucassen & Lubbers, 2012; Green et al., 2016; Lubbers & Coenders, 2017; Nijs et al., 2019).

Para os motivos da identidade, nossas regressões mostraram que as variáveis continuidade, autoeficácia e distintividade foram preditores positivos significativos para a explicação do vínculo tradicional, enquanto para o vínculo ativo, encontramos os princípios continuidade e autoeficácia também como preditores positivos significativos. Esta relação entre os tipos de vínculo e motivos da identidade ainda não foi observada na literatura.

Em relação a distintividade, pode-se afirmar que quanto mais as pessoas se identificam com seu grupo, mais inclinadas elas estão a defender suas crenças e valores (Vignoles et al., 2002a), isso também é esperado em pessoas tradicionalmente vinculadas, uma vez que, elas tendem a desenvolver identidades mais fixas e destacar as diferenças com outros grupos, diferentemente das pessoas ativamente vinculadas que demonstram ter relações mais flexíveis intergrupais e com os lugares (Di Masso et al., 2019). A

necessidade de distinção individual ou de grupo foi encontrada em estudos de diversas perspectivas psicológicas sobre a dinâmica da identidade (Tajfel, 1978; Brewer, 1991; Breakwell, 1993). Outros estudos também abordam os efeitos motivacionais e estratégias utilizadas para defender ou restabelecer a distinção quando ela é ameaçada ou prejudicada (Brewer & Pickett, 1999; Pickett et al., 2002).

Sabemos que a continuidade coletiva ajuda os membros a entenderem suas origens ao fornecer significado às suas identidades sociais (Sani et al., 2007), então faz sentido que o senso de autocontinuidade de um grupo explique tanto o vínculo ativo e mais ainda o vínculo tradicional, uma vez que nesse tipo de vinculação as pessoas tendem a ser mais conservadoras frente às mudanças sociais e à presença de grupos externos que ameacem a continuidade cultural do grupo. Outras pesquisas demonstraram os efeitos da continuidade histórica na dinâmica intergrupala, como por exemplo comportamentos de oposição à imigração e resistência a direitos expressivos de determinados grupos (Jetten & Hutchison, 2011; Jetten & Wohl, 2012; Smeekes et al., 2011; Smeekes & Verkuyten, 2014; Smeekes & Verkuyten, 2015).

A autoeficácia tem sido uma variável-chave nas pesquisas em psicologia, uma vez que, está associada a uma série de resultados positivos, particularmente nos domínios da saúde física e mental (Bandura, 1997; Caprara et al., 2002). O princípio da autoeficácia é direcionado para manter sentimentos de “competência e controle” (Breakwell, 1993, p 205). Esse motivo parece influenciar tanto o vínculo ativo como o tradicional, o que sugere que esses sentimentos também atuam como fortes preditores de uma vinculação segura aos lugares. Outros estudos também exploraram as consequências da autoeficácia para o funcionamento individual e social (La Guardia et al., 2000; Reis et al., 2000; Sheldon et al., 2001).

Os resultados também forneceram detalhes interessantes para a relatividade de lugar, uma vez que, não foi encontrada nenhuma variável que explicasse essa relação “desvinculada” com os locais de residência. Esse resultado pode indicar aspetos subjetivos ou outros processos psicológicos como possíveis preditores para a ausência de vínculo.

Vínculo ao Lugar e atitudes intergrupais

No que diz respeito à hipótese 2, as análises dos resultados mostraram que o vínculo tradicional está associado a uma baixa aceitação dos grupos externos (franceses, ciganos, brasileiros, membros dos países africanos da comunidade da língua portuguesa, cidadãos oriundos da Ásia e ucranianos) enquanto o vínculo ativo ao lugar apresentou um impacto mais positivo. Já a relatividade de lugar exerceu pouca ou nenhuma influência nas atitudes intergrupais. Esses achados foram consoantes com os estudos de Wnuk & Oleksy (2021).

O efeito do vínculo tradicional indicou uma relação mais conservadora com o local e está relacionado a atitudes mais negativas em relação ao exogrupo, a qual resulta em uma vinculação mais protetora e pode considerar a presença dos grupos minoritários como uma ameaça à distinção do local. As associações que encontramos entre o vínculo tradicional ao lugar e as atitudes excludentes também são semelhantes às encontradas por Wnuk & Oleksy, (2021) e Lewicka (2011).

O vínculo ativo revelou-se um preditor significativo na aceitação dos grupos externos. Hummon (1992) afirma que a representação do lugar para esse tipo de relação é mais complexa e requer o aprendizado de várias narrativas do local, que incluem aspetos positivos e negativos. Isso sugere que esse tipo de enraizamento implica em uma

identidade mais fluida e propensa a encontrar mais semelhanças do que diferenças entre o *ingroup* e *outgroups* (Wnuk & Oleksy, 2021, Lewicka, 2013b).

Esses achados sugerem que quando o local é descoberto, há uma relação mais flexível das pessoas com o local que pode ser facilmente conciliada com a mobilidade. Essas descobertas implicam que, à medida que as sociedades se tornam mais móveis, os padrões de vínculo também podem se alterar, afastando-se das relações mais tradicionais em direção a vínculos mais conscientes com os lugares (Di Masso, 2019).

Em nossa pesquisa, esperávamos que para aqueles em que o local de residência não é importante, seria possível aceitar a presença de outros grupos étnicos neste local (Wnuk & Oleksy, 2021), entretanto a relatividade de lugar apresentou uma correlação positiva fraca com todos os grupos externos e uma correlação negativa fraca com os romenos. Por um lado, a inconsistência das correlações do vínculo de relatividade pode demonstrar um baixo nível de explicação, ou de influência dessa variável. No entanto, por outro lado, pode ser um indicativo de uma variável potencial para realização de pesquisas futuras. Uma vez que parece promissor compreender os motivos pelo qual as pessoas que não desenvolvem qualquer tipo de vínculo com determinados lugares mesmo assim não são abertas ao convívio com outros grupos externos.

Os nossos resultados mostraram surpreendentemente uma maior aceitação dos portugueses residentes no Concelho de Évora pelos países que fazem parte da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, em especial brasileiros e africanos. Sugerindo que o idioma em comum facilitou a integração social desses *outgroups*. Esses dados dão suporte à Teoria do Contato Intergrupo, já que quanto maior a integração entre a população nativa e a estrangeira, melhor será a percepção que os residentes têm dos imigrantes e, por conseguinte, menor o preconceito e a discriminação.

Diferentemente dos ciganos, que também falam o idioma português, são cidadãos portugueses, mas são percebidos com um *outgroup* e tiveram a menor aceitação pelos participantes do estudo. É um resultado intrigante que endossa a relação emblemática entre os eborenses e a comunidade cigana, reconhecida (Assunção, 2019). Os mais alheios ou aqueles que ganham com as desigualdades raciais podem não estar cientes da miríade de processos que reproduzem as injustiças raciais, mas o que se visualiza em Portugal e em outras nações europeias é a segregação da comunidade cigana. Ela é considerada a minoria étnica mais antiga e mais numerosa na Europa, todavia a que tem a menor taxa de escolaridade, a mais pobre e a que possui as condições de habitação mais insalubres (Mendes et al., 2016). Há uma falta de compreensão aos modos de vida dos ciganos que alimenta os receios, reforça preconceitos e mantém a marginalização desse grupo.

A discriminação e comportamentos negativos a determinados grupos sociais como, por exemplo, árabes e judeus, associado a outros determinantes de atitudes intergrupais como forte identificação local, também foram observados nos estudos de Lyon et al. (2010), Golec de Zavala et al. (2012); Liu et al. (2018). Sugerindo que não é apenas a coexistência entre os grupos que garante a integração e maior sentimento de pertença, mas sim a qualidade desses contatos locais.

Quando interrogados sobre ter um vizinho cigano, alguns participantes verbalizaram, além do número da escala likert, que não gostariam de ter um vizinho cigano “pois são pessoas que vivem de forma muito diferente deles”. Nesse sentido, a acentuação das semelhanças entre os participantes e de suas diferenças com a comunidade cigana, revela consequências dramáticas para além do plano da percepção, pois legitima a discriminação, na medida em que ela é acompanhada de vieses favoráveis ao grupo

pertencente, com uma tendência a desfavorecer o grupo ao qual se distingue (Costa-Lopes et al., 2008).

Uma vez que um exogrupo é considerado inapto para a vida coletiva ou melhor “não se encaixa” em determinado grupo social, perpetua-se a segregação de uma comunidade. Sendo que muitas vezes o processo de exclusão não assume comportamentos de confronto, mas aparece sob a forma de preconceitos, estereótipos desfavoráveis e atitudes ofensivas, o que chamamos de “bode expiatório” (Jodelet, 2001), isto é, uma projeção de sentimentos negativos na população cigana e rejeição ao que é diferente.

Toda comunidade que categoriza os homens e separa os grupos nativos dos imigrantes possui um conjunto de crenças, sejam elas religiosas ou não (Moscovici, 1986). Todavia esse processo de categorização social apesar de ser um processo adaptativo também é suscetível a uma hipersimplificação do nosso conhecimento de mundo (Tajfel, 1978) e ao processo de distorção cognitiva, isto é, a diferença entre a realidade da vida dos ciganos para aquilo que eles representam.

Variáveis sociodemográficas

Também exploramos o efeito das variáveis sociodemográficas nos diferentes tipos de vínculos ao lugar. Quanto à hipótese 3a, encontramos uma correlação positiva moderada entre a idade e o vínculo tradicional, esse resultado reforça que o sentimento de enraizamento, quando o local é herdado, desenvolve-se ao longo do tempo vivido (Wnuk & Oleksy, 2021). Esse tipo de correlação também foi verificado no estudo realizado por Lewicka (2013b).

Na hipótese 3b observamos, em relação ao tempo de residência, uma associação positiva média ao vínculo tradicional, o que indica que indivíduos tradicionalmente

vinculados são, portanto, moradores de longa data, que seu ambiente serve como estrutura para suas atividades diárias e que não conseguem se imaginar a viver em outro lugar mesmo que outros locais ofereçam um padrão de vida mais alto. Este estudo apoia descobertas anteriores de que o tempo de residência é um preditor de vínculo ao lugar ao considerar a natureza tradicional (Bailey, Devine-Wright & Batel, 2016; Lewicka, 2011a; 2013b).

No que diz respeito, à hipótese 3c, onde esperava-se que o posicionamento político ideológico estivesse associado aos diferentes tipos de vínculo, encontramos correlações negativas fracas para o vínculo tradicional e ativo e uma correlação positiva fraca com a relatividade de lugar. Apesar da pouca significância estatística, observamos que quanto maior a presença do vínculo ativo, mais a escala de orientação política tende para a “extrema-esquerda”, que nessa situação refere-se ao 1, numa escala de 1-7. No entanto, não sabemos de nenhuma pesquisa anterior que tenha explorado essa correlação.

Em relação a hipótese 3d, esperava-se que o estatus social estivesse associado aos diferentes tipos de vínculo, todavia as correlações foram muito fracas. Por se tratar de uma variável de característica subjetiva, sugerimos para estudos posteriores que haja a adequação da hipótese bem como dos instrumentos de aferição.

Em relação à hipótese 3e, no que se refere ao sexo, encontramos para todas as variáveis médias maiores para os participantes do sexo masculino em relação às participantes do sexo feminino. Uma possível interpretação desse achado é que os homens podem estar mais fortemente ligados ao local de residência que as mulheres e pode apontar para um confronto com as construções sócio históricas dos “papéis de gênero” da mulher como cuidadora do lar e autocentrada na família. Esse resultado vai em oposição alguns estudos realizados no qual foi demonstrado que as mulheres exibem um nível ligeiramente mais alto de vínculo com os lugares do que os homens (Rollero & De Piccoli,

2010; Anton & Lawrence, 2014; Mandal & Latusek, 2015). Todavia, a literatura relata dados divergentes, quando o gênero é considerado. O vínculo ao lugar também foi encontrado em mesmos níveis para ambos os sexos no estudo realizado por Lewicka (2005); (2013).

8. Conclusão

Os dados do presente estudo contribuem para o campo da Psicologia Ambiental nos crescentes estudos sobre o vínculo ao lugar e as atitudes intergrupais. Em nossa pesquisa demonstramos que a depender do tipo de vinculação (ativa, tradicional e relatividade de lugar) que a população nativa (que vive há mais de 10 anos em Évora) desenvolve com os lugares de residência ela pode ser mais aberta ou mais fechada a partilhar esses mesmos lugares com outros grupos sociais. Nossa pesquisa ampliou as descobertas anteriores que já demonstraram que o vínculo ao lugar é um caminho para a compreensão das relações entre grupos (Oleksy & Wnuk, 2021). Em particular porque procurou explorar as motivações e fatores sociodemográficos que estão associados a cada tipo de vínculo.

Quanto às implicações práticas, nossa pesquisa proporcionou uma compreensão de como os residentes se relacionam com os lugares e como reagem à chegada e à convivência com os novos moradores. Essas implicações podem ser generalizadas para a compreensão da aceitação dos migrantes em contextos diversos. Isto é, o tipo de vinculação atua como variável importante nessa compreensão de previsão das atitudes intergrupais. Portanto, tendo em vista a intensificação dos processos migratórios no mundo, nossa investigação também tem implicações políticas e sociais e pode ser usada

para planejar ações específicas de intervenção que visem a redução das tensões intergrupais, segregação social e promoção de integração dos recém-chegados.

Em relação à recolha de dados, dada a reduzida dimensão do questionário, foi relativamente fácil, os participantes aderiram positivamente à pesquisa. No decorrer do preenchimento dos questionários e ativação das identidades e sentimentos em relação à Évora, os respondentes verbalizaram dois sentimentos contraditórios: orgulho em ser eborense e a insatisfação de viver numa cidade com poucas mudanças e evolução.

Quanto às limitações, nossa pesquisa testou o papel do vínculo ao lugar na explicação de atitudes em relação aos outros grupos étnicos, em uma cidade que não está dentre as cidades portuguesas que mais recebem estrangeiros e, portanto, não apresenta muita diversidade étnica. No entanto, para generalização, mais pesquisas devem ser realizadas em outras cidades de contextos semelhantes.

A direção para pesquisas futuras seria incorporar as variáveis sociodemográficas (idade, tempo de residência, escala social e orientação político-ideológica), bem como quaisquer outras variáveis adicionais que possam estar envolvidas nos processos de vinculação ao lugar. Estudos posteriores também devem investigar melhor os diferentes mecanismos que podem estar subjacentes a essa relação entre os tipos de vínculo ao lugar e atitudes intergrupais.

Estes resultados forneceram um primeiro passo importante para demonstrar a influência de motivos da identidade nos tipos de vinculação ao lugar. No entanto, este estudo também gerou novas questões, como por exemplo, em vez de testar os motivos isoladamente como fizemos, pode-se considerar a interação dos motivos na formação da identidade. Pesquisas futuras também poderiam investigar a influência dos motivos que estão na base da identidade nos vínculos aos lugares com outros tipos de grupos.

9. Referências Bibliográficas

- Aleshinloye, K. D., Fu, X., Ribeiro, M. A., Woosnam, K. M., & Tasci, A. D. A. (2019). The Influence of Place Attachment on Social Distance: Examining Mediating Effects of Emotional Solidarity and the Moderating Role of Interaction. *Journal of Travel Research*. Doi:10.1177/0047287519863883.
- Alves, R.B. (2018). Housing attachment scale in risk areas: evidence of validity and accuracy.
- Anton, C. E., & Lawrence, C. (2014). Home is where the heart is: The effect of place of residence on place attachment and community participation. *Journal of Environmental Psychology*, 40, 451-461.
<https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2014.10.007>.
- Assunção, M. J. D. A. (2019). *Estudo sobre os ciganos residentes em acampamentos na cidade de Évora* (Doctoral dissertation).
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: Freeman.
- Bernardo, F., & Palma-Oliveira, J. M. (2012). Place identity: A central concept in understanding intergroup relationships in the urban context. *The role of place identity in the perception, understanding, and design of built environments*, 35-46.

- Bernardo, F., & Palma-Oliveira, J. (2013). Place identity, place attachment and the scale of place: The impact of place salience. *PsyEcology: Bilingual Journal of Environmental Psychology/Revista Bilingüe de Psicología Ambiental*, 4 (2), 4(2), 167-193.
- Bernardo, F., & Palma-Oliveira, J. M. (2016). Urban neighbourhoods and intergroup relations: The importance of place identity. *Journal of Environmental Psychology*, 45, 239-251.
- Bowlby (1969). Attachment and loss: Vol. 1, Attachment. London: *The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis*. 1-401.
- Bowlby (1973). Attachment and loss: Vol. 2, Separation. London: *The Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis*.
- Breakwell, G.M. (1986). Coping with Threatened Identities. London: Methuen. *Imprensa Psicologica*.
- Breakwell, G.M. (1988). Strategies adopted when identity is threatened. *Revue Internationale de Psychologie Sociale*, 1:189-203.
- Breakwell, G. M. (2010). Resisting representations and identity processes. *Papers on social representations*, 19(1), 6-1.
- Brewer, M. B., & Pickett, C. L. (1999). Distinctiveness motives as a source of the social self. In T. R. Tyler, R. M. Kramer, & O. P. John (Eds.), *The psychology of the social self* (pp. 71– 87). Mahwah, NJ: Erlbaum.

Brylka, A., Mähönen, T.A., & Jasinskaja-Lahti, I. (2015). National identification and intergroup attitudes among members of the national majority and immigrants: preliminary evidence for the mediating role of a country's psychological ownership. *Journal of Social and Political Psychology*, 3(1), 24-45. <https://doi.org/10.5964/jspp.v3i1.275>.

Caprara, G.-V., Regalia, C., & Bandura, A. (2002). Longitudinal impact of perceived self-regulatory efficacy on violent conduct. *European Psychologist*, 7, 63– 69. Doi:10.1027//1016-9040.7.1.63

Cruz, F., & García-Bengochea, A. (2020). Vínculos socio-espaciales y gobernanza local: apego al lugar y participación en la iniciativa Bosque Modelo Palencia. *Estudios Geográficos*, 81(289), e048-e048. <https://doi.org/10.3989/estgeogr.202062.062>

da Silva, A. A. R. (2007) Relação entre espaço e lugar no pensamento de Martin Heidegger. *Revista Eletrônica Correlatio* n. 11, 6(11), 124-141. <https://doi.org/10.15603/1677-2644/correlatio.v6n11p124-141>

de Vreeze, J., & Matschke, C. (2019). Don't put me in this group: Assignment to non-preferred groups increases disidentification and a preference for negative ingroup information. *Social Psychology*, 50(2), 80. <https://doi.org/10.1027/1864-9335/a000363>

de Oliveira Marques, A.H.R. (2018). Brevíssima história de Portugal . Edições Tinta da China.

Elali, G. A. (2009). Relações entre comportamento humano e ambiência: uma reflexão com base na psicologia ambiental. Colóquio Internacional Ambiências compartilhadas: cultura, corpo e linguagem. *Anais do Colóquio Internacional Ambiências Compartilhadas*. Rio de Janeiro: ProArq-UFRJ, 1-17.

Easterbrook, M., & Vignoles, V. L. (2012). Different Groups, Different Motives: Identity Motives Underlying Changes in Identification With Novel Groups. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 38(8), 1066–1080. <https://doi.org/10.1177/0146167212444614>

Feldman, R.M. (1990). Settlement Identity: Psychological Links to Domestic Places in a Mobile Society. *Environment and Behavior*, 22(2), 183. <https://doi.org/10.1177/00139165902222002>

Felippe, M. L., & Kuhnen, A. (2012). Attachment to place in the context of person-environment studies: research practices. *Studies in Psychology* (Campinas), 29, 609-617. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000400015>

Fried, M. (1963). I fight for a lost home. In LJ Duhl (Ed.), *The Urban Condition: People and Policy in the Metropolis*, New York: Simon & Schuster.

Fernandes, S.C.S., & Pereira, M.E. (2018). In-group versus Out-group: the role of social identity in intergroup relations. *Studies and Research in Psychology*, 18(1), 30-49. Recuperado em 24 de maio de 2023, de

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812018000100003&lng=pt&tlng=.](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812018000100003&lng=pt&tlng=)

Giuliani, M. V. (2003). Theory of attachment and place attachment. In M. Bonnes, T. Lee, and M. Bonaiuto (Eds.), *Psychological theories for environmental issues* (pp. 137- 170). Aldershot: Ashgate

Giuliani, M. V. (2004). O lugar do apego nas relações pessoas-ambiente. In: E. T. Tassara, E. P. Rabinovich, & M. C. Guedes, *Psicologia e ambiente* (pp. 89-106). São Paulo: Educ.

Golec de Zavala, A., & Cichocka, A. (2012). Collective narcissism and antisemitism in Poland. *Group Processes & Intergroup Relations*, 15(2), 213-229. <https://doi.org/10.1177/1368430211420891>

Heidegger, M. (1996/2002) *Ser e tempo*, parte I, 12 ed. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

Hernández, B., Hidalgo, M. C., & Ruiz, C. (2020). Theoretical and methodological aspects of research on place attachment. *Place Attachment*, 94-110.

Hernández, B., Hidalgo, MC, Salazar-Laplace, ME, & Hess, S. (2007). Place attachment and place identity on natives and non-natives. *Journal of Environmental Psychology*, 27(4), 310-319. Doi:10.1016/j.jenvp.2007.06.003

Hummon, D. (1992). Attachment to the community. Local Feeling and Sense of Place In:

I. Altman & SM Low (Eds.), *Place the Attachment* (pp. 253-277). New York and London: Plenum.

Jasinskaja-Lahti, I., Liebkind, K., & Solheim, E. (2009). To identify or not to identify? National disidentification as an alternative reaction to perceived ethnic discrimination. *Applied Psychology: An International Review*.

Jaskiewicz, M., & Besta, T. (2018). Place attachment and collective action tendency. *Social Psychological Bulletin*.

Jasinskaja-Lahti, I., Mähönen, T. A., & Ketokivi, M. (2012). The dynamics of ethnic discrimination, identities and outgroup attitudes: A pre–post longitudinal study of ethnic migrants. *European Journal of Social Psychology*.
<https://doi.org/10.1002/ejsp.1916>

Jetten, J., & Hutchison, P. (2011). When groups have a lot to lose: Historical continuity enhances resistance to a merger. *European Journal of Social Psychology*, *41*(3), 335-343. <https://doi.org/10.1002/ejsp.779>.

La Guardia, J. G., Ryan, R. M., Couchman, C. E., & Deci, E. L. (2000). Within-person variation in security of attachment: A self-determination theory perspective on attachment, need fulfillment, and well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, *79*(3), 367–384. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.79.3.367>

Lewicka, M. (2005). Ways to make people active: The role of place attachment, cultural capital, and neighborhood ties. *Journal of environmental psychology*, *25*(4),

381-395. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2005.10.004>

Lewicka, M. (2010). What makes neighborhood different from home and city? Effects of place scale on place attachment. *Journal of Environmental Psychology*, 30(1), 35-51. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2009.05.004>

Lewicka, M. (2011a). On the varieties of people's relationships with places: Hummon's typology revisited. *Environment and Behavior*, 43(5), 676-709. DOI: 10.1177/0013916510364917 <http://eab.sagepub.com>

Lewicka, M. (2011b). Place attachment: How far have we come in the last 40 years?. *Journal of Environmental Psychology*, 31(3), 207-230 <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2010.10.001>

Lewicka, M. (2013). Localism and Activity as two dimensions of people-place bonding: The role of cultural capital. *Journal of Environmental Psychology*, (36), 43-53. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2013.07.002>.

Lewicka, M. (2013b). Place inherited or place discovered? Agency and communion in people-place bonding. *Estudios de Psicología*, 34(3), 261-274.

Liu W, Son M, Wenzel A, An Z, Zhao Martin N, Nah S, & Ball-Rokeach S (2018). Bridging mechanisms in multiethnic communities: Place-based communication, neighborhood belonging, and intergroup relations. *Journal of International and Intercultural Communication*, 11(1), 58-80. doi:

10.1080/17513057.2017.1384506 <http://dx.doi.org/10.1080/17513057.2017.1384506>

Low, S. M. & Altman, I. (1992). Place attachment: A conceptual inquiry. Em I. Altman & S. M. Low (Eds.), *Place attachment* (pp. 1-12), New York: Plenum Press.

Lucassen, G., & Lubbers, M. (2012). Who fears what? Explaining far-right preference in Europe, distinguishing perceived ethnic cultural and economic threats. *Comparative Political Studies*, 45 (5), 547-574. Doi: 10.1177/0010414011427851

Lubbers, M., & Coenders, M. (2017). Nationalistic attitudes and voting for the radical right in Europe. *European Union Politics*, 18(1), 98-118. <https://doi.org/10.1177/1465116516678932>

Lyons, P.A., Kenworthy, J.B., & Popan, J.R. (2010). Lyons, P. A., Kenworthy, J. B., & Popan, J. R. (2010). Ingroup identification and group-level narcissism as predictors of US citizens' attitudes and behavior toward Arab immigrants. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 36(9), 1267-1280. <https://doi.org/10.1177/0146167210380604>

Malpas, J. (2009). Geografia, Biologia e Política: Heidegger sobre lugar e mundo. *Natureza Humana*, 11(1), 171-200. Recuperado em 24 de maio de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302009000100008&lng=pt&tlng=pt.

- Mandal, A., & Latusek, A. (2015). Przywiązanie do miejsca zamieszkania w biegu życia. *Developmental Psychology/Psychologia Rozwojowa*, 20 (2). doi:10.4467/20843879PR.15.011.348
- Montoro, S. W. M., & Weinert, L. V. C. (2020). Identidade e Apego à locais com risco de desastres socioambientais: um estudo sobre as “Águas de Março”. *Guaçu*, 6(1), 53-68. <http://dx.doi.org/10.5380/guaju.v6i1.72189>
- Moscovici, S. (1986). L'ère des représentations sociales. Doise W, Palmonari A. L'estudes des représentations sociales. Neuchatel-Paris: Delachaux et Niestlé.
- Mourão, A. R. T., & Cavalcante, S. (2006). O processo de construção do lugar e da identidade dos moradores de uma cidade reinventada. *Estudos de Psicologia* (Natal), 11, 143-151. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200003>
- Mourão, A. R. T., & Cavalcante, S. (2011). Identidade de lugar. *Temas básicos em Psicologia Ambiental*, 208-226.
- Norberg-Schulz, C. (1980). Genius loci: Towards a phenomenology of architecture. New York: *Rizzoli International Publications*, Inc.
- Patterson, M.E., & Williams, D.R. (2005). Maintaining research traditions on place: Diversity of thought and scientific progress. *Journal of Environmental Psychology*, 25(4), 361-380. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2005.10.001>.

- Pickett, C. L., Silver, M. D., & Brewer, M. B. (2002). The impact of assimilation and differentiation needs on perceived group importance and judgments of ingroup size. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28(4), 546-558. <https://doi.org/10.1177/0146167202287011>
- Ponte, A.Q., Bomfim, Z.A. C., & Pascual, J.G. (2009). Theoretical considerations on place identity in the light of the cultural-historical approach. *Psychology Argument*, 27(59).
- Proshansky, H. M., Fabian, A. K., & Kaminoff, R. (2014). Place-identity: Physical world socialization of the self (1983). In *The people, place, and space reader* (77-81). Routledge. [https://doi.org/10.1016/S0272-4944\(83\)80021-8](https://doi.org/10.1016/S0272-4944(83)80021-8)
- Reis, H.T., Sheldon, K.M., Gable, S.L., Roscoe, J., & Ryan, R.M. (2000). Bem-estar diário: o papel da autonomia, competência e relacionamento. *Boletim de Personalidade e Psicologia Social*, 26 (4), 419-435. <https://doi.org/10.1177/0146167200266002>
- Relph, E. (1976). *Place and absence of place*. London: Pion Limited.
- Rollero, C., & De Piccoli, N. (2010). Attachment to place, identification and perception of the environment: An empirical study. *Journal of Environmental Psychology*, 30(2), 198-205. Doi:10.1016/j.jenvp.2009.12.003herna
- Rubinstein, R. I., & Parmelee, P. A. (1992). Attachment to place and the representation of the life course by the elderly. *Place attachment*, 139-163. Doi: 10.1007/978-

1-4684-8753-4_7.

Sani, F., Bowe, M., Herrera, M., Manna, C., Cossa, T., Miao, X., & Zhou, Y. (2007). Continuidade coletiva percebida: Vendo grupos como entidades que se movem através do tempo. *European Journal of Social Psychology*, 37(6), 1118-1134. <https://doi.org/10.1002/ejsp.430>

Seamon, D. (1980). Body-subject, time-space routines, and place-ballets. *The human experience of space and place*, 148, 65.

Sheldon, K. M., Elliot, A. J., Kim, Y., & Kasser, T. (2001). What is satisfying about satisfying events? Testing 10 candidate psychological needs. *Journal of Personality and Social Psychology*, 80(2), 325–339. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.80.2.325>

Smeeke, A., Verkuyten, M., & Poppe, E. (2011). Mobilizing opposition towards Muslim immigrants: National identification and the representation of national history. *British Journal of Social Psychology*, 50(2), 265-280. <https://doi.org/10.1348/014466610X516235>

Smeeke, A., & Verkuyten, M. (2014). Perceived group continuity, collective self-continuity, and in-group identification. *Self and Identity*, 13(6), 663-680. <https://doi.org/10.1080/15298868.2014.898685>

Smeeke, A., & Verkuyten, M. (2015). The presence of the past: Identity continuity and group dynamics. *European Review of Social Psychology*, 26(1), 162-202.

<https://doi.org/10.1080/10463283.2015.1112653>

Speller, G.M. (2005). The importance of place attachment. In *Handbook of Environmental Psychology and Environmental Education* (pp. 133-167). The Calouste Gulbenkian Foundation.

Speller, GM, Lyons, E., & Twigger-Ross, C. (2002). A community in transition: the relationship between spatial change and identity processes. *Social Psychological Review*, 4(2), 39-58.

Storz, N., Martinović, B., & Rosler, N. (2022). Support for Conciliatory Policies in the Israel-Palestine Conflict: The Role of Different Identification Modes and Perceptions of Land Ownership. *Frontiers in Psychology*, 12, 6085. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.769643>

Tajfel, H. (1981). *Human Groups and Social Categories*, Livros Horizonte, Lda, Lisbon (Portuguese translation of: *Human Groups and Social Categories: Studies in Social Psychology*, Cambridge University Press)

Tajfel, H. & Turner, J.C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W.G. Austin & S. Worchel (Eds.) *The Social Psychology of Intergroup Relations* (7-24.). Monterey C.A.: Brooks/Cole

Timotijevic, L., & Breakwell, GM (2000). Migration and threat to identity. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 10 (5), 355-372. [https://doi.org/10.1002/1099-1298\(200009/10\)10:5<355::AID-](https://doi.org/10.1002/1099-1298(200009/10)10:5<355::AID-)

Toruńczyk-Ruiz, S., & Lewicka, M. (2016). Perceived social diversity and neighborhood attachment: the role of intergroup ties and affective assessments of the environment. Evidence from Poland. *European Journal of Social Psychology*, 46 (7), 818-832. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2209>

Toruńczyk-Ruiz, S., & Martinović, B. (2020). The bright and dark sides of length of residence in the neighborhood: Consequences for local participation and openness to newcomers. *Journal of Environmental Psychology*, 67, 101383. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2019.101383>

Tuan, Y.F.T. (1974). *Topophilia: A study of Environmental Perceptions, Attitudes, and Values*. Columbia University Press.

Turner, J.C., Hogg, M.A., Oakes, P.J., Reicher, S.D., & Wetherell, M.S. (1987). *Rediscovering the social group: A self-categorization theory*. Basil Blackwell

Twigger-Ross, CL, & Uzzell, DL (1996). Place and identity processes. *Journal of Environmental Psychology*, 16(3), 205-220.

Twigger-Ross, C., Bonaiuto, M., & Breakwell, G. (2003). Identity theories and environmental psychology. In *Psychological Theories For Environmental Issues* (203-234). Ashgate

Valera, S., & Pol, E. (1994). El concepto de identidad social urbana: una aproximación

entre la psicología social y la psicología ambiental. *Anuario de psicología/The UB Journal of Psychology*, 5-24.

Vidal, T., Berroeta, H., de Masso, A., Valera, S., & Però, M. (2013). Apego al lugar, identidad de lugar, sentido de comunidad y participación en un contexto de renovación urbana. *Estudios de Psicología*, 34(3), 275-286. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-22442015000300005>

Vignoles, VL, Chryssochoou, X., & Breakwell, GM (2002a). Sources of Distinctiveness: Position, Difference and Separation in Anglican Pastors' Identities. *European Journal of Social Psychology*, 32 (6), 761-780. <https://doi.org/10.1002/ejsp.119>

Vignoles, V.L., Chryssochoou, X., & Breakwell, G.M. (2002b). Evaluating models of identity motivation: Self-esteem is not everything. *Self and Identity*, 1(3), 201-218. <https://doi.org/10.1080/152988602760124847>

Vignoles, V. L., Regalia, C., Manzi, C., Gollledge, J., & Scabini, E. (2006). Beyond self-esteem: Influence of multiple motives on identity construction. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90(2), 308–333.. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.90.2.308>

Werts, H., Scheepers, P., & Lubbers, M. (2013). Euro-scepticism and radical right-wing voting in Europe, 2002–2008: Social cleavages, socio-political attitudes and contextual characteristics determining voting for the radical right. *European Union Politics*, 14(2), 183-205. <https://doi.org/10.1177/1465116512469287>

Wickes, R., Ratnam, C., & Piquero, A. (2022). Welcoming neighborhoods: attachment to place and ethnic-racial acceptance. *Journal of Immigrant & Refugee Studies*, 1-15. <https://doi.org/10.1080/15562948.2022.2128499>

Williams D.R., Patterson M.E., Roggenbuck J.W., & Watson A.E. (1992). Beyond the commodity metaphor: examining emotional and symbolic attachment to place. *Leisure Sciences*, 14(1), 29-46. <https://doi.org/10.1080/01490409209513155>

Williams, D.R., & Roggenbuck, J.W. (1989). Measuring Place Attachment: Some Preliminary Results. Paper Presented at the Session on Outdoor Planning and Management, NRPA *Symposium on Leisure Research*, San Antonio, TX (Vol.9)

Wnuk, A., & Oleksy, T. (2021). Too attached to let others in? The role of different types of place attachment in predicting intergroup attitudes in a conflict setting. *Journal of Environmental Psychology*, 75, 101615. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2021.101615>

Zacarias, E.F.J., & Higuchi, M.I.G. (2021). Panorama dos estudos sobre identidade de lugar. *Novos Cadernos NAEA*, 24(1). DOI: 10.5801/S21797536

Anexos

Estudo sobre a identidade de Évora

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Gostaríamos de convidar-te a participar neste estudo sobre a identidade de Évora. Esse estudo é um trabalho de conclusão de curso do Mestrado em Psicologia Clínica na Universidade de Évora e está sob responsabilidade da pesquisadora e discente, Queila Campos, sob orientação da Prof. Fátima Bernardo.

A tua participação é **voluntária** e não infringe as normas legais e éticas, sendo que todas as respostas serão **confidenciais**, não sendo recolhido nenhum dado que o permita identificar. Os dados recolhidos serão agregados e analisados em total anonimato. A tua participação é importante, porém, não deves aceitar participar contra a tua vontade, e poderás interromper a tua participação a qualquer momento.

Por favor **sejas sincero, não há respostas certas ou erradas, o mais importante para nós é a tua opinião sincera**. O questionário demorará entre 7 - 10 minutos a ser concluído.

Em caso de informações adicionais ou esclarecimentos poderás contactar a investigadora, Queila Campos (m50164@alunos.uevora.pt) ou a sua orientadora Prof. Fátima Bernardo (fatimab@uevora.pt).

Ao prosseguir estarás a concordar com o consentimento informado para que as tuas respostas sejam recolhidas para efeitos de análise.

O questionário destina-se somente a RESIDENTES DO CONCELHO DE ÉVORA há pelo menos 10 anos e de nacionalidade portuguesa.

Se não é o teu caso não responda a este questionário.

Aceitas participar desta pesquisa?

Aceito

Não aceito

Seção 2 de 7

Responda enquanto residente no Concelho de Évora, segundo uma escala, em que 1 corresponde a **Discordo fortemente** e 7 a **Concordo fortemente**

1. Em que medida concorda com as seguintes afirmações em relação a Évora? *

	1	2	3	4	5	6	7
Identifico-me com Évora	<input type="radio"/>						
Évora faz parte da minha identidade	<input type="radio"/>						
Eu sinto que pertença a Évora	<input type="radio"/>						
Sinto-me como parte de Évora	<input type="radio"/>						

Secção 3 de 7

Responda enquanto residente no Concelho de Évora, segundo uma escala, em que 1 corresponde a Discordo fortemente e 7 a Concordo fortemente

2 Em que medida concorda com as seguintes afirmações? *

	1	2	3	4	5	6	7
Mesmo que haja lugares melhores, não vou sair de Évora	<input type="radio"/>						
Eu não consigo imaginar deixar Évora para sempre	<input type="radio"/>						
Eu nunca considerei que viver noutra lugar seria melhor.	<input type="radio"/>						
Eu gosto de acompanhar as mudanças que acontecem neste lugar	<input type="radio"/>						

É mais importante para mim como vivo do que onde vivo	<input type="radio"/>						
Eu não quero saber do local onde vivo	<input type="radio"/>						
As pessoas não se devem apegar a nenhum lugar	<input type="radio"/>						

Seção 4 de 7

Responda enquanto residente no Concelho de Évora, segundo uma escala, em que 1 corresponde a Discordo fortemente e 7 a Concordo fortemente

3. Em que medida concorda com as seguintes afirmações em relação a Évora? *

	1	2	3	4	5	6	7
Ser de Évora dá-me uma sensação de continuidade - entre passado, presente, e futuro.	<input type="radio"/>						
Ao longo da minha vida senti-me sempre um Eborense.	<input type="radio"/>						

Mesmo que mude de lugar, vou sentir-me sempre um Eborense.	<input type="radio"/>						
Ser Eborense faz-me sentir próximo das pessoas daqui.	<input type="radio"/>						
Ser de Évora faz-me sentir em casa.	<input type="radio"/>						
Ser Eborense faz-me sentir ligado às pessoas daqui.	<input type="radio"/>						
Ser de Évora faz-me sentir bem comigo próprio.	<input type="radio"/>						
Tenho orgulho em ser de Évora.	<input type="radio"/>						
Sinto-me satisfeito por ser Eborense.	<input type="radio"/>						
Ser de Évora faz-me sentir confiante para enfrentar desafios.	<input type="radio"/>						

Ser de Évora faz-me sentir eficaz e competente a fazer o que pretendo.	<input type="radio"/>						
Sinto-me confortável com o estilo de vida de Évora.	<input type="radio"/>						
Ser de Évora faz-me sentir que somos diferentes.	<input type="radio"/>						
Ser eborense faz-me sentir especial.	<input type="radio"/>						
Ser Eborense é ser único.	<input type="radio"/>						

Seção 5 de 7

Responda enquanto residente no Concelho de Évora, segundo uma escala, em que 1 corresponde a Discordo fortemente e 7 a Concordo fortemente

4. Em que medida considera que pessoas destas nacionalidades se encaixam em Évora?

*

	1	2	3	4	5	6	7
Franceses	<input type="radio"/>						
Romenos	<input type="radio"/>						
Ciganos	<input type="radio"/>						
Brasileiros	<input type="radio"/>						
Membros dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Ex. Angola, Cabo Verde...)	<input type="radio"/>						
Cidadãos oriundos da Ásia (Ex: Índia, Bangladesh e Paquistão)	<input type="radio"/>						
Ucranianos	<input type="radio"/>						
Portugueses	<input type="radio"/>						

Seção 6 de 7

Responda enquanto residente no Concelho de Évora, segundo uma escala, em que 1 corresponde a Muito pouca vontade e 7 a Muita vontade

5. Em que medida gostaria de ter um vizinho destas nacionalidades? *

	1	2	3	4	5	6	7
Franceses	<input type="radio"/>						
Romenos	<input type="radio"/>						
Ciganos	<input type="radio"/>						
Brasileiros	<input type="radio"/>						
Membros dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (Ex. Angola, Cabo Verde...)	<input type="radio"/>						
Cidadãos oriundos da Ásia (Ex: Índia, Bangladesh e Paquistão)	<input type="radio"/>						
Ucranianos	<input type="radio"/>						
Portugueses	<input type="radio"/>						

Secção 7 de 7

Dados sociodemográficos dos participantes

6. Qual é a sua idade? *

Sua resposta

6.1 Qual o seu sexo biológico? *

- Feminino
- Masculino
- Outro

6.2 Qual é o seu estado civil legal ? *

- Solteiro(a)
- Casado(a), com uma pessoa de sexo oposto
- Casado(a), com uma pessoa do mesmo sexo
- Divorciado(a)
- Separado(a) mas ainda legalmente casado(a)
- Viúvo

6.3 Qual o nível de escolaridade mais elevado que completou?

*

- Nenhum
 - Ensino básico 1º ciclo (atual 4º ano/ antiga instrução primária/4ª classe)
 - Ensino básico 2º ciclo (atual 6º ano/ antigo ciclo preparatório)
 - Ensino básico 3º ciclo (atual 9º ano / antigo 5º liceal)
 - Ensino secundário (atual 12º ano/ antigo 7º liceal /ano propedêutico)
 - Ensino pós-secundário (Cursos de especialização tecnológica não superior)
 - Curso técnico superior profissional
 - Bacharelato (inclui antigos cursos médios)
 - Licenciatura
 - Mestrado
 - Doutoramento
-

6.4 Qual a sua Nacionalidade? *

- Portuguesa por nascimento
- Portuguesa por aquisição (naturalização, casamento,....)
- Dupla nacionalidade (portuguesa e outra)

6.5 Indique a sua naturalidade *

- Natural da mesma freguesia onde resido atualmente
- Natural de outra freguesia do município (concelho) de Évora
- Natural de outro município (concelho)
- Natural de um país estrangeiro

6.6 Em qual freguesia reside atualmente? *

- Bacelo
- Canaviais
- Horta das Figueiras
- Malagueira
- Nossa Senhora da Boa Fé
- Nossa Senhora da Graça do Divor
- Nossa Senhora da Tourega
- Nossa Senhora de Guadalupe
- Nossa Senhora de Machede
- Santo Antão
- São Bento do Mato
- São Mamede
- São Manços
- São Miguel de Machede
- São Sebastião da Giesteira
- São Vicente do Pigeiro
- Sé e São Pedro
- Senhora da Saúde
- Torre de Coelheiros

6.7 Quando pensa em si, em que medida, segundo ^{*} uma escala, em que 1 corresponde a Discordo fortemente e 7 a Concordo fortemente se considera:

	1	2	3	4	5	6	7
Eborense	<input type="radio"/>						
Alentejano	<input type="radio"/>						
Português	<input type="radio"/>						
Europeu	<input type="radio"/>						

6.8 Há quanto tempo vive no concelho de Évora? ^{*}

- 10 anos
- Entre 10-20 anos
- Entre 20-30 anos
- Entre 30-40 anos
- Entre 40-50 anos
- Acima de 50 anos

6.9 Como descreve a sua área de residência? ^{*}

- Rural
- Urbana
- Mista

6.10 Alguma vez residiu fora de Évora por um período contínuo de pelo menos um ano? *

- Sim
- Não

6.11 Como você definiria sua Orientação política? *

	Extrema- Esquerda	Esquerda	Centro- esquerda	Centro	Centro- direita	Direita	Extrema- Direita
.	<input type="radio"/>						

6.12 Qual foi a sua principal fonte de rendimento nos últimos 12 meses? *

- Trabalho
- Reforma/Pensão
- Subsídio de desemprego
- Rendimento social de inserção
- Outro subsídio temporário (doença, maternidade,etc,...)
- Rendimento de propriedade ou de empresa
- A cargo da família
- Outra situação

6.13 Pense numa ESCADA como representativa da forma como os Portugueses se distribuem socialmente. Em que degrau da escada, segundo uma escala de 1 até 10, se situa?



1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Pessoas com piores condições de vida (menos dinheiro, educação e/ou piores empregos ou sem emprego.

Pessoas com melhores condições de vida (mais dinheiro, educação e/ou melhores

Agradeço que coloque aqui o nº do aluno que lhe pediu para responder o questionário.

*

Sua resposta

Obrigada pela colaboração!

Sua resposta
